



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA**

**ESCOLA DE NUTRIÇÃO**

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ALIMENTOS, NUTRIÇÃO E SAÚDE**

**INDIRA RAMOS GOMES**

**“DEPOIS QUE EU ENTREI NO CURSO...”: A GRADUAÇÃO  
EM NUTRIÇÃO COMO MARCO EXPERIENCIAL NA  
CONSTRUÇÃO DAS PRÁTICAS ALIMENTARES DE SEUS  
ESTUDANTES**

Salvador

2017

**INDIRA RAMOS GOMES**

**“DEPOIS QUE EU ENTREI NO CURSO...”: A GRADUAÇÃO  
EM NUTRIÇÃO COMO MARCO EXPERIENCIAL NA  
CONSTRUÇÃO DAS PRÁTICAS ALIMENTARES DE SEUS  
ESTUDANTES**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Alimentos, Nutrição e Saúde, da Escola de Nutrição da Universidade Federal da Bahia, como requisito para obtenção do grau de Mestre em Alimentos, Nutrição e Saúde.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Ligia Amparo da Silva Santos

Salvador

2017

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Universitária de Saúde,  
SIBI - UFBA.

G633d Gomes, Indira Ramos

“Depois que eu entrei no curso...”: a graduação em Nutrição como marco  
experiencial na construção das práticas alimentares de seus estudantes / Indira  
Ramos Gomes. -- Salvador, 2017.

64 f.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Ligia Amparo da Silva Santos.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal da Bahia.  
Escola de Nutrição, 2017.

1. Alimentação e Nutrição. 2. Práticas Alimentares. 3. Estudantes  
Universitários. I. Santos, Ligia Amparo da Silva. II. Título.

CDU 612.3

## **TERMO DE APROVAÇÃO**

**INDIRA RAMOS GOMES**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Alimentos, Nutrição e Saúde da Escola de Nutrição, da Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Alimentos, Nutrição e Saúde.

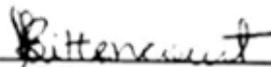
### **DEPOIS QUE EU ENTREI NO CURSO...": A GRADUAÇÃO EM NUTRIÇÃO COMO MARCO EXPERIENCIAL NA CONSTRUÇÃO DAS PRÁTICAS ALIMENTARES DE SEUS ESTUDANTES**

#### **BANCA EXAMINADORA:**



---

**Prof. Dra. Lígia Amparo da Silva Santos**  
Doutorado em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo  
Professora da Universidade Federal da Bahia



---

**Prof. Dra. Liliane de Jesus Bittencourt**  
Doutorado em Saúde Coletiva pela Universidade Federal da Bahia  
Professora da Universidade Federal da Bahia



---

**Prof. Dra. Micheli Dantas Soares**  
Doutorado em Saúde Coletiva pela Universidade Federal da Bahia  
Professora da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

## AGRADECIMENTOS

Enfim é chegado ao momento de finalizar mais um ciclo. Para quem assiste a defesa pública ou se depara com essas palavras, já um tempo depois de sua construção, talvez não tenha a noção dos caminhos trilhados para que este material pudesse enfim, chegar ao seu objetivo: produzir conhecimento, comunicar, fazer pensar; e nesse processo me forjar enquanto pesquisadora no encontro com outros seres pelo caminho. Neste sentido, destaco aqui algumas pessoas que desbravaram comigo essa trilha, por vezes espinhosa, diante de tantos desafios e descobertas que nos fazem pensar sobre nós mesmas e nossa relação com o mundo. Outras pessoas, não estiveram tão próximas no cotidiano de construção deste material, mas foram cruciais pelo simples fato de existirem no apoio, compreensão e amor. Assim, agradeço:

À minha mãe, em quem tenho um porto seguro e a certeza do incentivo para que eu persiga e realize meus sonhos e desejos.

Ao meu pai, grande incentivador em quem encontro palavras de motivação sobre os caminhos por mim trilhados ou ainda esboçados.

À Paula, com quem vivi a intensidade deste processo. Pela paciência, compreensão, cuidado e amor!

Aos meus amigos e familiares pela compreensão nas ausências, pelo carinho e pelas palavras de motivação.

À Ligia Amparo, orientadora desse trabalho e de boa parte da minha trajetória na graduação. Ser acompanhada por você durante esses anos contribuiu para a forma como hoje percebo o mundo.

À turma do mestrado PPGANS 2015-2017. O caminho foi mais leve com todas vocês! Agradeço nas pessoas Gabriela, Andréa e Ane. Entre desafios e desabafos, risadas e apoio, seguimos em frente, mulheres. Luiza, com quem vivi os dias do curso de mestrado, compartilhando as experiências para além da pós-graduação; falamos sobre a vida e nossos anseios. À Micaela, companheira de luta, seguiremos em novo ciclo, nem sempre próximas, mas unidas no amor e na resistência nos enfrentamentos da vida.

Ao Núcleo de Estudos e Pesquisas em Alimentação e Cultura (NEPAC). Lugar de encontros e pensamentos que não cabem dentro de nós! Por isso, rimos, gargalhamos, dançamos, comemos e pensamos com e sobre tudo isso. Pensar (sobre o pensar e fazer) em alimentação e

nutrição em suas mil possibilidades. Nas pessoas Lilian, Deborah, Flávia, Iânua e Diego, agradeço pelas conversas de corredor, de mesa de bar e pelas reflexões mais profundas sobre (o fazer) essa pesquisa.

À Micheli Soares e Virgínia Campos, pelas valiosas contribuições no exame de qualificação.

À Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB), pela concessão da bolsa de estudos.

E por fim, àquelas pessoas, hoje colegas de profissão, que narraram um pouco de suas vidas para que estudo pudesse acontecer!

À essa grande rede de apoio, formação e afeto... gratidão.

RAMOS-GOMES, I. “DEPOIS QUE EU ENTREI NO CURSO...”: A GRADUAÇÃO EM NUTRIÇÃO COMO MARCO EXPERIENCIAL NA CONSTRUÇÃO DAS PRÁTICAS ALIMENTARES DE SEUS ESTUDANTES. 2017. Dissertação (Mestrado) - Escola de Nutrição, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2017.

## RESUMO

O presente estudo se propôs a compreender como estudantes de Nutrição agenciam suas práticas alimentares ao longo do percurso formativo. O trabalho está situado na interface entre as Ciências da Saúde e da Nutrição e as Ciências Sociais e Humanas com o intuito de ampliar as compreensões sobre os fenômenos no campo da Alimentação e Nutrição. Este trabalho apresenta parte dos resultados da análise no artigo “Narrativas de estudantes de Nutrição sobre suas práticas alimentares no percurso formativo em uma universidade pública”. A entrevista narrativa foi elemento central para a produção de dados diante da possibilidade de reconstrução do próprio percurso biográfico desses sujeitos. Para análise dos dados, foi utilizada a abordagem compreensiva. Foram elaboradas questões de referência relacionadas à descrição das práticas alimentares de estudantes de Nutrição; aos sentidos e significados atribuídos às experiências alimentares e o que mudou/permaneceu (e como) nas práticas alimentares durante este processo. As narrativas evidenciaram como o curso de Nutrição aparece enquanto marco na trajetória de vida desses agentes, singularizando os processos de (re) construção das práticas por estudantes. Destaca-se nesse processo a desestruturação das práticas alimentares no início de curso; a instituição da marmita como prática simbólica e incorporada no cotidiano, bem como as experiências marginais e ressignificações no processo de construção das práticas alimentares. Ressalta-se ainda as práticas alimentares enquanto constituintes de identidades - inclusive profissional, que interagem com o conjunto de interditos do agir. Salienta-se que as estudantes agenciam suas práticas orientadas por diferentes formas de conhecimento e realizam acordos (inter) subjetivos que organizam a experiência alimentar, em um cotidiano que se reinventa. São maneiras de lidar com a norma disciplinadora e os sujeitos, em interação, se apropriam dos discursos e nas experiências cotidianas (re) elaboram uma nova ordem alimentar.

**Palavras-chave:** alimentação e nutrição, práticas alimentares, estudantes universitários.

RAMOS-GOMES, I. "AFTER I WENT INTO THE COURSE...": THE GRADUATION IN NUTRITION AS AN EXPERIENCIAL FRAMEWORK IN CONSTRUCTION OF THE FOOD PRACTICES OF ITS STUDENTS. 2017. Dissertation (Master's Degree) - Nutrition School, Federal University of Bahia, Salvador, 2017.

### **ABSTRACT**

The present study is a study of students of Nutrition agitate their eating practices along the formative course. The work is located at the interface between Health Sciences and Nutrition and Social and Human Sciences with the aim of expanding as understandings about the phenomena not Food and Nutrition field. This paper presents part of the results of the analysis without article "Narratives of students of Nutrition on their eating practices in the training course in a public university". A narrative interview was a central element for data production in the face of the possibility of reconstruction of their well-being. A comprehensive approach was used to analyze the data. Reference questions related to the description of feeding practices of Nutrition students were elaborated; to the senses and meanings attributed to the food experiences and the changed / remained (and how) in the feeding practices during this process. The narratives showed how the Nutrition course for the process of transformation of practices and processes of processes of rehabilitation of practices by a process of disruption of food practices. The institution of the kettle as a symbolic and incorporated non-daily practice, as well as marketing and development experiences in the process of building food practices. It is also emphasized as eating practices as constituents of identities - including professionals, who interact with the set of prohibitions of acting. It is emphasized that as students, they promote their practices guided by different forms of knowledge and achievement. (Inter) subjective that organize an alimentary experience, in a daily that reinvents itself. They are laws of dealing with a normative discipline and the subjects, in interaction, appropriate the discourses and in the daily experiences (re) elaborate a new alimentary order.

**Key words:** food and nutrition, feeding practices, undergraduate students.

## SUMÁRIO

<b>APRESENTAÇÃO.....</b>	<b>8</b>
<b>“Você sabe disso, você vivenciou isso...”: intersubjetividades e dialogicidade no campo .....</b>	<b>10</b>
<b>Situando as trajetórias e singularidades dos sujeitos do estudo.....</b>	<b>12</b>
<i>Flor, Vanessa e Liz: a cozinha de origem e o retorno para o interior.....</i>	<i>13</i>
<i>Fernanda, Mario e as condições clínicas.....</i>	<i>14</i>
<i>A chegada de Nina na capital e a “ruptura” com a roça .....</i>	<i>16</i>
<i>Helena, Alice, Marta e as narrativas com temperança e contradições.....</i>	<i>18</i>
<b>ARTIGO: NARRATIVAS DE ESTUDANTES DE GRADUAÇÃO EM NUTRIÇÃO SOBRE SUAS PRÁTICAS ALIMENTARES DURANTE O PERCURSO FORMATIVO .....</b>	<b>21</b>
<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>23</b>
<b>METODOLOGIA .....</b>	<b>24</b>
<b>RESULTADOS E DISCUSSÃO .....</b>	<b>25</b>
<b>Considerações sobre os espaços formativos .....</b>	<b>25</b>
<b>O início do curso: da desestruturação das práticas alimentares a uma nova ordem alimentar. ....</b>	<b>27</b>
<b>A instituição da marmita .....</b>	<b>29</b>
<b>Quase profissionais... entre mudanças e (r) existências .....</b>	<b>32</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>35</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>35</b>
<b>REFERÊNCIAS GERAIS .....</b>	<b>39</b>
<b>APÊNDICES.....</b>	<b>43</b>
<b>APÊNDICE A: ROTEIRO DE ENTREVISTA.....</b>	<b>44</b>
<b>APÊNDICE B: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO .....</b>	<b>46</b>
<b>APÊNDICE C: PROJETO DE PESQUISA.....</b>	<b>48</b>

## APRESENTAÇÃO

O presente estudo se propôs a compreender como estudantes de Nutrição agenciam suas práticas alimentares ao longo do percurso formativo. Como escolha teórica e metodológica, o trabalho está situado na interface entre as Ciências da Saúde e da Nutrição e as Ciências Sociais e Humanas com o intuito de ampliar as compreensões sobre os fenômenos no campo da Alimentação e Nutrição.

Inicialmente, identificamos a construção das práticas de estudantes de Nutrição como uma incógnita, ao percebermos que neste processo estão questões não explicitadas sobre os modos de pensar, sentir e agir desses estudantes em relação as suas práticas alimentares, com uma demanda para maior aprofundamento sobre tais. São processos que aparentam ser considerados estáveis e universais, de modo que seus significados, sua complexidade interna, aparecem desconectados das singularidades e contextualizações, da vida cotidiana.

Neste sentido, um dos pontos de partida para esta investigação foi o conceito de caixa preta nutricional discutido por Yates-Doerr, tendo como referência Bruno Latour que o adaptou, a partir da cibernética, para estudar a ciência em ação e problematizar algo que, mesmo com toda a complexidade e controvérsia inerentes aos processos da prática científica, se solidificou enquanto verdade absoluta, escamoteando seu caráter relacional como parte constituinte dos mesmos.

Em seu estudo exploratório na Guatemala, Yates-Doerr (2012) investigou os processos de consolidação técnica e histórica das ideias contingentes sobre nutrição e a miríade de relações que se estabelecem em torno das práticas alimentares, em termos aparentemente não problemáticos como as vitaminas e os minerais. A autora chama atenção para a complexidade da Nutrição que pode estar ocultada por conta das abordagens objetivadas e reducionistas gerando confusão na maneira como as pessoas compreendem e se relacionam com o que comem, com seus corpos, ambientes e a construção de identidades. Diante disto, entendemos que, ao nos aproximarmos dos espaços em que as caixas pretas são elaboradas, é possível encontrar as controvérsias que dão pistas do seu processo de construção e da complexidade nele implícita, considerando as interações nos contextos histórico e sociocultural como fundantes dos fenômenos estudados.

Outro conceito que auxiliou na caracterização desta problemática foi o *décalage*, utilizado no contexto das práticas alimentares por Contreras & Gracia-Arnaiz (2005), traduzido enquanto descompasso entre as representações sociais e as práticas; e por Castro e colaboradores (2015), enquanto ferramenta teórico-instrumental para auxiliar na compreensão

da dissonância existente entre as representações alimentares de estudantes de Nutrição e Educação Física e suas práticas. Partimos da compreensão do *dècalage* como uma resposta ao sistema social (que constrói as normas e os padrões), ou ainda como um recurso para reinvenções e adaptações cotidianas diante das normas estabelecidas.

Neste trabalho, trataremos das práticas alimentares em consonância com a reflexão construída por Simon Conh (2014). Para este autor, as práticas guardam em seu conceito a flexibilidade e capacidade de articular diferentes orientações teóricas, de maneira distinta da noção de comportamento de saúde – enquanto conceito homogêneo e mensurável, em uma perspectiva individualizada e neoliberal - que acaba por excluir as dimensões de sociabilidade inerentes à caótica variação da vivência humana.

Para este autor, os processos de falar e fazer sentido das práticas cotidianas não são fixos, são relatos de atividades que nem sempre são coerentes, uma vez que as práticas alimentares cotidianas estão sempre contextualizadas e dinâmicas. São práticas oriundas de (inter) ações em um contexto específico.

Neste sentido, adotamos esta compreensão de práticas com a noção de que muito provavelmente não conseguiríamos identificar o início e o fim das ações; muito menos determinar quando se transformam em *habitus*<sup>1</sup> ou comportamento, por exemplo. Ademais, assumimos que as aproximações teóricas sobre as questões empíricas observadas proporcionaram uma interpretação incompleta e modesta da realidade, diante de nossa compreensão sobre uma proposta sistêmica, complexa e irreduzível acerca dos fenômenos da alimentação como parte da vida. De certo modo, esta é uma forma de nos distanciarmos dos modelos explicativos que identificam determinantes e, ao invés disso, nos esforçamos em compreender a ideia de que as práticas são contingentes de uma série diversa de fatores sociais e materiais.

Nesta esteira, os escritos de Michel de Certeau (2014) trouxeram contribuições na medida em que nos aproximamos, ainda que timidamente, de uma teoria das práticas, na tentativa de identificarmos as maneiras de fazer, os estilos de ação de estudantes de Nutrição, quando falamos das suas práticas do cotidiano. Neste sentido, procuramos especificar esquemas operacionais e investigar a existência de elementos comuns que poderiam mediar

---

<sup>1</sup> De acordo com Bourdieu, o *habitus* é um princípio gerador de práticas ou coisas classificáveis, que pode ser visto como uma forma de compreender os modos de pensar e agir dos sujeitos, aprendido ao longo de uma trajetória social. Esse sistema tem a ver com a vida em sociedade e com a incorporação de determinada estrutura social, resultando em condutas, comportamentos e gostos compartilhados por certo grupo social.

esses processos. Acreditamos que assim seria possível compreender o conjunto de práticas agenciadas pelos sujeitos da pesquisa e a *posteriori*, seguir no entendimento dos sentidos que sustentam o agenciamento dessas práticas no cotidiano para, quem sabe, compor futuramente uma cartografia das experiências alimentares de estudantes de Nutrição.

Diante disto, este trabalho apresenta parte dos resultados da análise das narrativas que originou o artigo “Narrativas de estudantes de Nutrição sobre suas práticas alimentares no percurso formativo.”, que tem por objetivo compreender como estudantes de nutrição atuam sobre suas práticas alimentares ao longo do percurso formativo.

Inicialmente, antecedendo o artigo, apresentamos uma breve introdução para situar as itinerâncias e singularidades das estudantes entrevistadas. Ao passo que trazemos trechos das narrativas, estas nos indicarão caminhos percorridos por estes sujeitos em suas trajetórias biográficas, para que antes de chegarmos aos detalhes sobre o percurso formativo, conheçamos os sujeitos e suas trilhas construídas, inclusive antes da graduação.

No artigo, situamos primeiramente algumas “Considerações sobre os espaços formativos”, pois compreendemos que as práticas capturam as circunstâncias vivenciadas pelas pessoas e suas questões emergentes e em situações específicas, contextualizadas. É com esta perspectiva que destacamos a importância da apresentação do contexto para situar os sujeitos em seu ambiente físico e social.

Em seguida, discutiremos como o curso de Nutrição aparece enquanto marco na trajetória de vida desses agentes, como espaço para nos dedicarmos, de modo mais amplo, aos processos de (re) construção das práticas por estudantes de Nutrição ao longo da graduação. Neste sentido, apresentamos as categorias “O início do curso: da desestruturação das práticas a uma nova ordem alimentar”; “A instituição da marmita”; e, “Quase profissionais...entre mudanças e (r) existências”.

Com o intuito de apresentar um panorama das mudanças e permanências nos modos de comer dessas estudantes, o artigo que segue se debruça sobre questões relacionadas aos processos de rupturas, pequenas fissuras, ajustes, permanências e resistências nas práticas dessas estudantes. Quais são elas? Como ocorrem? Foi sobre isto que nos propomos a investigar.

### **“Você sabe disso, você vivenciou isso...”: intersubjetividades e dialogicidade no campo.**

Este tópico foi destinado à discussão sobre a minha relação, enquanto pesquisadora no/com o grupo social investigado. Há uma horizontalidade que marca as vivências entre nós:

sujeitos entrevistados e pesquisadora deste estudo. O meu lugar neste processo é de alguém que constrói suas práticas alimentares no mundo da vida e também é formada em Nutrição no local que compõe o universo empírico estudado. Assim, um mesmo universo, no que tange as vivências do processo formativo, não somente acadêmico, são compartilhadas: são práticas, significados, cenários, representações simbólicas, os conhecimentos técnico-científicos e seus sistemas classificatórios apreendidos, por exemplo.

O momento da entrevista foi também de encontro de experiências que marcam nossas subjetividades, pois essas histórias se cruzam de alguma forma. O caráter histórico das relações lembra-nos da impossibilidade de uma relação de isenção e neutralidade na pesquisa científica. Assim, considerei, em todo o momento, a implicação da minha própria história antes e durante a realização desse estudo. Ou seja, o meu lugar de fala.

Acredita-se que, diante disto, para conciliar a condição de pesquisadora em relação ao campo, principalmente quando dele faz-se parte, um dos principais ensaios necessários para assumir essa posição foi o reconhecimento de que não há neutralidade na pesquisa científica. E ainda, um dos principais movimentos que contribuíram na assunção deste lugar foi o exercício de questionar minhas próprias premissas, suspeitar da objetividade científica e suas verdades e problematizar seus/meus paradigmas ao abordar a realidade. Esta ação reflexiva, como bem nos lembra Minayo e Guerriero (2014) é “a atenção constante sobre como e o que ocorre no contexto empírico afeta o pesquisador e sua obra o que, por sua vez, afeta o campo e a vida social.”, e apresenta-se como questão intrínseca no fazer ético da pesquisa qualitativa empírica.

Assim, a ida a campo não se tornou momento para meramente “confirmar” ou “refutar” pressupostos, ainda que eles existam. Em campo, na produção das intersubjetividades, era momento de exercitar o olhar para ver - na perspectiva desenvolvida por Laplantine (2004) - desenvolver uma escuta sensível, disponibilizar o corpo para deixar-me tocar por aquilo que não era tão óbvio e esperado. E assim foi até o momento da produção deste material. Fase crucial em que se fez mais do que necessário o desnaturalizar das verdades científicas, também estudadas por mim em algum momento. Da elaboração do projeto até a finalização da escrita, desconfiar de cada crença e também acreditar, foi desafiador. Esses movimentos permitiram a esta pesquisadora, em formação, deixar-se levar pelas narrativas às práticas e aos sentidos atribuídos às experiências alimentares cotidianas de estudantes de nutrição, no desvelar de parte de um fazer no mundo que também é o seu.

### **Situando as trajetórias e singularidades dos sujeitos do estudo**

Apresentaremos a seguir um traçado das relações dos sujeitos com seus territórios de origem, suas referências alimentares, bem como os (des) caminhos rumo à/na capital baiana e as interações com seus modos de pensar, sentir e atuar sobre o comer cotidiano. Para tanto, construímos um retrato atual destes elementos e o seu entrecruzamento com as itinerâncias dessas agentes.

O grupo de estudantes apresentou idade entre 21 e 30 anos, sendo composto em sua maioria por mulheres, com apenas 1 homem no grupo. Das nove estudantes, quatro são de diferentes regiões do estado da Bahia; outras quatro foram nascidas e criadas na capital do estado Baiano e apenas uma estudante tem origem na região Sul do país.

A multiplicidade e peculiaridade de caminhos e táticas presentes nas narrativas trouxeram implicações no delineamento das categorizações. Serão apresentadas algumas categorias que se desdobraram para que fosse possível uma análise de contrastes e afinidades entre as narrativas. Por isso, a discussão se desenvolve com algumas notas sobre os itinerários das entrevistadas e as questões que unem o grupo em suas similitudes e/ou diferenças. Portanto, será possível notar a multiplicidade experiencial que as narrativas apresentam e toda e qualquer categorização foi mais uma tentativa de reduzir o grupo, no sentido de tornar mais denso e espesso o caldo de experiências, para apurar as análises.

Descrevemos, a partir dos elementos biográficos que transversalizam as experiências do comer, as práticas alimentares dos estudantes de nutrição, a partir das categorias: “Flor, Vanessa e Liz: a cozinha de origem e o retorno para o interior”; “Fernanda, Mario e o diagnóstico clínico”; “A chegada de Nina na capital e a ruptura com a roça”; e, “Helena, Alice, Marta e as narrativas com temperança e contradições”.

Observaremos mais a diante, o quanto que as itinerâncias das estudantes interagem no processo de construção das práticas alimentares, que se faz ao longo da vida, em meio a tantas referências e experiências da cotidianidade. Trataremos neste estudo, a referência como aquilo que situa as práticas em um contexto relacional com/entre sujeitos e coisas postos no “mundo significativo”, em correspondência com as normas, preceitos, tradições e memória (SOARES; TRAD, 2016).

*Flor, Vanessa e Liz: a cozinha de origem e o retorno para o interior*

Há uma diferença na narrativa daquelas estudantes que saíram de cidades do interior do estado ou de outra região do país em contraste àquelas nascidas na capital. São histórias marcadas pela relação com o que era vivido antes na cidade de origem e as mudanças e diferenças ao chegar a Salvador, diante das novas tarefas, principalmente relacionadas às práticas alimentares: o gerenciamento das compras, a organização financeira e a rotina alimentar dentro e fora de casa. Tarefas que não mais pertencem ao universo familiar, pois com a saída da “casa natal” (RANGEL, 2016) vem a responsabilização pela própria vida face às novas vivências, como evidenciado em outros estudos sobre a alimentação de jovens universitários (ALVEZ; BOOG, 2007; FEITOSA et al., 2010; MOREIRA et al., 2013; MAIA; RECINE, 2015).

As narrativas de Flor, Vanessa e Liz ilustram essas relações entre a construção das práticas alimentares e o lugar de origem. As estudantes relatam receber comida enviada pelos pais e a necessidade de organização do fluxo de consumo dos alimentos. As escolhas são determinadas a partir desta logística doméstica, pois para dar conta do que é enviado, critérios como perecibilidade são utilizados, resultando em certa monotonia alimentar além de “pouca variedade das coisas, o sabor das coisas e (não) ter as pessoas por perto”, como refere Flor.

Além da falta de variedade, alguns novos elementos aparecem como os relacionados ao gosto e a comensalidade. Mesmo se tratando da comida da mãe, ela não tem o mesmo sabor se for congelada. O frescor da comida está na proximidade com a família e em especial com a figura materna. Quando distante, a comida perde a graça, se repete e não tem o mesmo sabor, pois não tem as mesmas pessoas, o mesmo significado indicando o quanto que o contexto interfere nas práticas alimentares. A realidade para elas, como relata Vanessa é que “eu moro só, então ... sou eu que faço minha comida, e eu tenho preguiça. [...]”. Diante disto, podemos observar os imperativos do cotidiano e com ele, as possibilidades apresentadas dentro do imprevisível, das vontades, humores e as elaborações para agenciar o comer.

A comida familiar, bem como as companhias no ato de comer, interferem em como os sujeitos significam e experimentam a alimentação, pois “a comida e a cozinha expressam e colocam em circulação processos e relações sociais e afetivas que adquirem sentido dentro do contexto histórico, social e pessoal que os integra”. (CONTRERAS; GRACIA, 2011, p. 283).

São referências construídas que balizam até mesmo outras elaborações conceituais como a alimentação no “padrão mainha”, relatada por Vanessa como sinônimo de uma boa

alimentação, e a compreensão de alimentação balanceada, elaborada por Flor, contendo elementos e categorias que não são contemplados no discurso oficial da Nutrição.

Pra mim, uma alimentação balanceada é comer a comida de minha mãe, sabe? Porque é uma gostosa demais e tem feijão, tem arroz, e tem... Verduras, às vezes, e carne cozida com caldo, sabe? Pra mim... E que pode ter farinha também, porque eu não imagino comer uma carne cozida com caldo e, sem farinha. Sinceramente. E eu não vejo, e eu digo, pra mim isso é uma alimentação balanceada, sabe? [...] porque além de tudo, de ser uma comida boa, uma comida variada era uma comida, não sei sabe, que tinha um.... Que fazia um sentido pra mim sabe? (Flor)

Ao falarem do comer na capital as estudantes trazem em seus enredos referências construídas com bases nos hábitos, tradições e memórias constituídos ao longo do tempo e que nos conduzem, através das narrativas, para os sabores e vivências em suas cidades e memórias evocadas no consumo de determinado alimentos, nos lembrando do fragmento do romance proustiano. As memórias gustativas transcendem ao tempo e convidam o sujeito a uma viagem interior, para sua essência, os reencontros com suas referências, com amigos, familiares e com a comida do território e da família, no conforto da lembrança que revigora.

[...] é uma memória afetiva com a comida.... de lá! Cuscuz com tripa frita, me lembra assim... muito a minha avó. Minha avó se mudou. Ela não mora mais lá, ela tá morando em Jacobina e é difícil eu ir pra Jacobina, porque eu já vou pra Xique – xique, que eu é o meu interior. Então, eu faço a festa! [risos] (Liz)

Os enredos apontam para mudanças quando retornam para casa da família, sinalizando que o retorno para o interior é também o momento de retornar para aquilo que há de mais íntimo em suas referências alimentares. É voltar, através da comida e de outros encontros, para si.

#### *Fernanda, Mario e as condições clínicas*

As práticas alimentares são narradas a partir das múltiplas experiências vivenciadas na trajetória de vida que podem interagir com a formação em Nutrição. Assim aconteceu com Mário e Fernanda e as condições clínicas diagnosticadas antes e durante o curso, respectivamente, e que repercutiram nos seus modos de lidar com o comer. O que fica marcado nessas duas narrativas é a noção de “descuido” consigo no período anterior ao curso. Tal noção parece seguir a lógica do autocontrole sobre o corpo e as ações como proposta de

autocuidado na promoção da alimentação saudável e do controle de ganho de peso, devendo o sujeito cuidar para que a alimentação não saia do padrão proposto como alimentação saudável (CASTIEL et al., 2014).

Cada um conta, a seu modo, sobre como se percebiam e conseqüentemente não destinaram para si, os cuidados entendidos, hoje, como necessários. Ambos compartilham a descrição de práticas com o consumo excessivo de “besteiras” o que para eles, em longo prazo, acarretou nas condições de saúde vivenciadas.

Os enredos indicam que novos olhares para si foram despertados, a partir do contato com as disciplinas, professores e as provocações oriundas desses espaços. A identificação da causa de um mal estar, a desconfiança de uma patologia e a possibilidade de gerir essa situação para melhorar a saúde aparecem nas narrativas, como conta Fernanda, que vivenciou o processo de cirurgia bariátrica durante a graduação:

Tudo começou quando eu estava pegando uma disciplina chamada Dieta II<sup>2</sup> e a professora tava falando sobre questões de diabetes e tal que as vezes umas pessoas por serem gordinhas as pessoas as vezes não são saudáveis, tem problemas de alguma coisa e tal. Aí eu fiquei com aquilo na cabeça “será que eu tenho diabetes? Será que eu tenho? Será que eu tenho?” Aí eu fui procurar o meu endocrinologista. (Fernanda)

Mário relata as restrições alimentares, mesmo antes da entrada no curso, em consequência do diagnóstico de gastrite, fruto da alimentação “quase autodestrutiva”, durante sua adolescência. Hoje, reflete sobre como suas escolhas estão associadas a fatores emocionais e revela grande preocupação com o peso corporal, diante do receio de voltar a emagrecer e retornar ao corpo com “IMC [Índice de Massa Corporal] de... 16 ou 17, alguma coisa assim. [...] era magreza mesmo.”

Ao descrever as práticas atuais, ele avalia sua alimentação com caráter de monotonia em virtude dessas restrições por ele realizadas. Mesmo discutindo sobre a importância da alimentação variada durante a faculdade, ele não se incomoda e até gosta de “comer todos os

---

<sup>2</sup> Patologia Nutrição E Dietoterapia II é o componente curricular obrigatório, ofertado no oitavo semestre de curso com abordagem sobre estudos e adaptações terapêuticas da dieta normal e das adaptações destinadas a satisfazer as necessidades nutricionais do paciente. Estudos estabelecimento do diagnóstico nutricional e prescrição dietoterápica, considerando aspectos clínicos, planejamento e cálculo de dietas nos distúrbios endócrino-metabólicos, nas enfermidades cardiovasculares, renais, reumatológicas, grandes queimados, neoplasias e cirurgias. (Disponível no site do Sistema Acadêmico – Universidade Federal da Bahia. Acesso em: 23 de junho de 2017.).

dias sempre os mesmos pratos.”. Para ele, o conflito sobre a relação em comer algo que possa causar mal estar já foi mais intenso. Hoje, Mário refere administrar melhor estas questões e tem se “permitido” comer outros alimentos que outrora eram restringidos, mas ainda com certa preocupação sobre os efeitos de intolerância no corpo.

Anteontem eu fui comer cachorro quente com minhas amigas, né? Aí eu vou tranquilo, não vou preocupado, mas assim.. quando eu termino de comer me dá uma... uma coisinha assim no estômago, entendeu? [põe a mão na região do estômago] Mas aí eu, eu... desapego porque é uma coisa pontual, eu tenho que...também aproveitar, que é um dos alimentos que eu adoro. (Pedro)

Atualmente, com quase nenhuma restrição, Mário significa as mudanças como avanços importantes na sua alimentação e atribui grande parte dessas transformações à influência do curso. Já Fernanda, refere o reajuste de suas práticas frente aos novos cuidados com a saúde, no caminho de uma reaprendizagem alimentar, sem se privar de comer o que gosta.

Minha alimentação... ela é... como é que eu posso dizer [risos] ela é gostosa! [...] mudei alguns hábitos alimentares, mas não deixei alguns antigos. Por exemplo: eu tenho uma frase que eu falo que gordura saturada é vida. Porque... manteiga é gostosa, bacon é gostoso, carne de porco... carne de boa em geral é uma delícia. [...] Mas eu tento associar as coisas que eu aprendi durante o curso e com as coisas que eu gosto de comer. (Fernanda)

As narrativas de Fernanda e Mário parecem convergir, em certa medida, com as estratégias já sacramentadas e naturalizadas no âmbito da promoção da saúde e de prevenção de doenças, através da noção de contenção e restrição com bases no discurso biopolítico do risco (CASTIEL, et al., 2014). Agora, Fernanda e Mário experienciam práticas mescladas entre o que foi aprendido no curso – proporcionando novos universos gustativos e compreensões - e os sabores (e saberes) já instituídos em seus hábitos e práticas. Diante destas interações, ambos revelam um novo saber-cuidar de si em construção e que perpassa também, pela dimensão do autocontrole.

#### *A chegada de Nina na capital e a “ruptura” com a roça*

A história da minha alimentação, já começa já desde a roça porque meus pais eram trabalhadores rurais. [...] Era gente e bicho e fruta e legumes, era aquela mistura toda. Aqui, tudo completamente diferente né? E carros e comida industrializada que eu não conhecia nada, nada. Nem refrigerante, nem pizza e aí comecei a conhecer essas coisas... biscoito recheado.

Nina é uma das estudantes que deixaram o interior do estado, para estudar na capital. Ela nos conta que ainda criança saiu da convivência com os pais e irmãos para morar com a tia e, desde de então, não retornou mais à terra de origem e o contato com a família é pouco frequente. Ao narrar sobre suas práticas alimentares fica evidente o processo de mudanças ao longo dos anos, desde a sua chegada à capital e o estranhamento com a cidade grande e os novos alimentos, até os dias de hoje, em que é possível notar poucas práticas referenciadas pelo comer da infância, no seu território de origem.

Eu tinha o hábito de comer com a mão. E eu gostava ainda no início, mas aí, começava aquela coisa: “Ah... é bactéria.” Muita bactéria na mão, mesmo lavando... então aquela coisa que é sujeira, que é imundice. Minha tia não gostava muito e eu acabei deixando. Mas não... não faz falta também não.

Fica evidente o rompimento com algumas referências alimentares diante nos novos *habitus* na exigência de um comportamento adequado, para a nova realidade na capital, através do discurso biomédico com forte influência higienista e etnocêntrica, conflitando com práticas e referências culturais. Neste trecho, identificamos que diante da noção civilizatória - exercida em nível mais próximo pela tia - “a eliminação do ato de comer com a mão do próprio prato pouco tem a ver com o perigo de contrair doença, a chamada explicação „racional“[...]. O garfo nada mais é que a corporificação de um padrão específico de emoções e um nível específico de nojo” (ELIAS, 1994, p. 133).

Notamos também, algumas memórias afetivas e referências alimentares que permanecem, como o consumo de frutas, verduras e legumes. São práticas que não estão à margem, não contradizem o aprendido e correspondem com o que é esperado ser consumido por estudantes de Nutrição (MOREIRA et al., 2013).

Sendo assim, é importante considerar que as estudantes carregam consigo estruturas interiorizadas através de suas histórias individuais - coletivizadas, de uma educação própria de seu meio. Mas, quando o campo/espço social se modifica, a prática pode também acompanhar esse movimento, pois o sistema está aberto às experiências e é por elas transformado (BOURDIEU, 2007). Neste sentido, notamos que as práticas de comer, construídas na terra natal e gradualmente, ao longo da história de vida de Nina, agora se apresentam em grande parte, ressignificadas como práticas inscritas e lidas a partir dos códigos e regras do conhecimento científico aprendido, que será referência para atuação profissional.

*Helena, Alice, Marta e as narrativas com temperança e contradições*

Ao narrarem suas práticas alimentares, Helena, Alice e Marta contam sobre seus sentimentos e pensamentos que cercam o consumo dos alimentos considerados não saudáveis, de acordo com o conhecimento aprendido na graduação:

Ah... várias vezes! Eu acho que... sinto até hoje. “[...] Comi aquilo!” Aí eu penso logo: minha cara vai encher de espinha, penso logo na celulite. Penso logo nas gordurinhas laterais. [...] mas isso dura 5 minutos, sabe? Porque o prazer do que eu comi... (Marta)

Há o entendimento de que é possível comer aquilo que se gosta, mesmo não sendo bem aceito, pois são alimentos e comidas que fazem parte dos desejos e vontades. Sobre isso, Alice nos conta que “não vou mentir pra você que eu não gosto. Eu gosto, mas eu sei dos benefícios e malefícios que isso aqui tem. Só que eu não como todo dia. Eu amo acarajé, mas eu não sinto vontade de comer todo dia.”.

A moderação ou temperança norteia as práticas alimentares nessas narrativas que parecem seguir no mesmo sentido de uma das principais mensagens veiculadas culturalmente, que “difundidas em primeiro lugar pelos especialistas, é baseada na „moderação, na „variedade” e no „equilíbrio dietético” como meios para se manter ou, inclusive melhorar o estado de saúde [...]” (CONTRERAS; GRACIA, 2011, p. 293). Seguindo nesta reflexão, observamos que a noção que baliza a moderação é representada pelo conhecimento sobre os alimentos. A partir dela é possível comer não só o que é considerado adequado, como aquilo que não o é diante das recomendações sobre alimentação, frente ao ideário liberal e aos vestígios de virtudes cristãs que versam sobre o comer quando tratamos de noções como temperança, prudência e escolhas conscientes quando os sujeitos estão bem informados (CASTIEL et al., 2014).

As experiências alimentares das estudantes apontam para a defasagem existente entre as normas da nutrição e suas práticas. Ou ainda, entre o discurso acadêmico e as práticas do cotidiano, pois “eu acho que „é difícil a gente levar esse mesmo discurso e trazer pra nossa vida. Pra mim, quando eu vejo, quando eu olho assim [...] será que isso encaixa? Às vezes tem umas coisas que não se encaixa, né?”, relata Alice.

As estudantes relatam que existem momentos no cotidiano nos quais a alimentação preconizada não ocorre como deveria. Como por exemplo, a própria lógica organizacional da graduação, repercutindo na rotina alimentar das estudantes.

Você não consegue ter tempo pra comer, sentar, pra ter uma refeição descente. [...] Você tem que ficar na correria, na flexibilidade de horários. Enfim... sei lá. (breve silêncio) (Helena)

Além disso, as narrativas desvelam práticas construídas diante dos atos de julgamento e vigilância que estão para além do espaço acadêmico. São enredos que ilustram as relações com colegas de curso e professoras, mas também entre amigos e familiares que mantêm a lógica da vigilância a partir das cobranças a estas futuras profissionais. Helena comenta que “o próprio profissional de saúde julga. Acaba julgando o que o paciente come. Os próprios colegas, acabam fazendo isso também. Entendeu? É uma coisa complicada. É um conflito bem grande em relação à isso.”

Há o reconhecimento do respaldo e licença que o profissional tem para tratar de assuntos específicos sobre alimentação e nutrição. Mas ele também precisa demonstrar fazer aquilo que diz. Do contrário, sentimentos de conflito que envolvem questões de moralidade são vivenciados pelas estudantes, ainda mais se tratando de profissionais da área de saúde, pois “é como se fosse assim [...] Como diz... faça o que eu digo, mas não faça o que eu faço, né? Porque você pode comer e eu não posso? (silêncio)”, reflete Alice sobre o encontro clínico, no qual ela realizara atendimento.

Em suma, as narrativas explicitam as contradições entre aquilo que é aprendido e o que é possível de ser vivenciado no cotidiano revelando, em muitos momentos, um conhecimento deslocado da realidade. Esse descompasso socializado pelas entrevistadas foi também identificado no estudo de Castro e colaboradores (2015), ao investigarem a dissonância existente entre as representações alimentares de estudantes de Nutrição e Educação Física, e o que realmente vivenciam no cotidiano. As categorias construídas pela Ciência da Nutrição - forjadas pelo discurso biomédico e prescritivo – parecem inadequadas ao considerar o mundo da vida e sua originalidade a cada instante.

\*\*\*

O encontro com os sujeitos deste estudo possibilitou, através das narrativas, o desvelamento de práticas presentes no seu cotidiano de formação. Todavia, destaca-se que, ao passo em que foram narradas, as práticas alimentares também foram constituídas no ato da entrevista, através do processo reflexivo de seus agentes. As práticas revelaram-se como experiências limiars, a partir de vivências que, mesmo imbricadas no seu processo de construção, estão à sua margem quando tecidas reflexões sobre a formação de nutricionistas.

Assim, algumas experiências que integram a construção das práticas alimentares foram, neste estudo, consideradas experiências silenciosas; à margem das reflexões sobre a relação que estudantes estabelecem com o que comem.

**ARTIGO**

**NARRATIVAS DE ESTUDANTES DE GRADUAÇÃO EM NUTRIÇÃO  
SOBRE SUAS PRÁTICAS ALIMENTARES DURANTE O PERCURSO  
FORMATIVO**

Salvador

2017

## **Narrativas de estudantes de graduação em Nutrição sobre suas práticas alimentares durante o percurso formativo.**

Indira Ramos-Gomes<sup>3</sup>

Ligia Amparo-Santos<sup>4</sup>

### **RESUMO**

O estudo objetivou compreender como estudantes de nutrição atuam sobre suas práticas alimentares no percurso formativo. Para tanto, a entrevista narrativa foi elemento central para a produção de dados diante da possibilidade de reconstrução do próprio percurso biográfico desses sujeitos. Para análise dos dados, foi utilizada a abordagem compreensiva. As narrativas evidenciaram como o curso de Nutrição aparece enquanto marco na trajetória de vida desses agentes, singularizando os processos de (re) construção das práticas por estudantes de Nutrição ao longo da graduação. Neste sentido, apresentamos as categorias “O início do curso: da desestruturação das práticas a uma nova ordem alimentar”; “A instituição da marmita”; e, “Quase profissionais...entre mudanças e (r)existências”. Entre as mudanças e permanências, o estudo evidenciou gostos constituídos ao longo da história de vida destas estudantes e que, em alguns casos, são praticados comedido, a depender das circunstâncias, com a justificativa da temperança e mediante reajustes nas práticas diante do novo aprendizado, em meio aos movimentos de microresistências, sem perder de vista o cotidiano de negociações e trampolinagens. Esse estudo buscou, ao destacar o contexto formativo e a agência de estudantes de Nutrição sobre suas práticas alimentares, evidenciar que esta última não está meramente subordinada ao conhecimento - prescritivo e disciplinador - aprendido no curso, uma vez que o cenário de formação acadêmica está repleto de encontros experienciais e produção de saberes e fazeres outros que não aqueles oriundos do discurso dominante da Ciência da Nutrição. As narrativas revelaram acordos (inter) subjetivos que organizam a experiência alimentar. Notamos ainda, que estas experiências coexistem em um emaranhado com os conhecimentos, as estratégias e os saberes e táticas cotidianos.

---

<sup>3</sup> Universidade Federal da Bahia, Programa de Pós-graduação em Alimentos Nutrição e Saúde, Núcleo de Estudos e Pesquisas em Alimentação e Cultura.

<sup>4</sup> Universidade Federal da Bahia, Escola de Nutrição da Universidade Federal da Bahia, Departamento Ciência da Nutrição, Núcleo de Estudos e Pesquisas em Alimentação e Cultura.

**Palavras-chave:** alimentação e nutrição, práticas alimentares, estudantes universitários.

## INTRODUÇÃO

A partir de uma breve revisão de literatura, observou-se um conjunto de estudos que abordam as práticas alimentares de estudantes de Nutrição a partir de uma perspectiva de análise no campo dos estudos quantitativos para verificar práticas, mudança de comportamento e de hábitos alimentares destes estudantes. Estes estudos pontuam adequações e inadequações diante do que é informado durante a graduação e do que é esperado como conduta de estudantes de Nutrição <sup>1,2,3,4,5</sup>. Há ainda pesquisas que procuram caracterizar as práticas alimentares e fatores de risco associados à transtornos do comportamento alimentar desses estudantes <sup>6,7</sup>.

Parte destes trabalhos considera que os resultados não se limitam aos aspectos como consumo alimentar, ressaltando que estudos qualitativos devem ser realizados na tentativa de elucidar questões como comportamento, práticas e atitudes alimentares de estudantes universitários. Outros estudos indicam a necessidade de repensar a relação entre o que se aprende teoricamente e a mudança concreta de estilo de vida de estudante de Nutrição <sup>2,3,5</sup>. Por vezes, mesmo se tratando desses estudantes, a justificativa da “força de vontade” para melhorias na alimentação imperava na discussão sobre o que era considerado descompasso entre a teoria aprendida e a prática vivenciada pelas (os) futuras (os) nutricionistas <sup>3</sup>.

O fazer hegemônico da promoção da saúde, pode ser interpretado como uma política com forte conteúdo moral que fomenta a ideia de culpa e responsabilização individual na busca pela longevidade <sup>8,9,11</sup>. As questões como agência e responsabilidade são apresentadas como fatores relacionados ao desenvolvimento das patologias e, dessa forma, recai de algum modo sobre o sujeito. Mesmo que não intencionalmente, essa individualização característica dessa abordagem e modo de pensar, pode legitimar as estratégias da saúde pública que não consideram a complexa estrutura que está por de trás das políticas de saúde e também dos modelos de ensino/formação de profissionais desta área <sup>12</sup>.

Diante disto, é importante, para além de verificações, adotar uma perspectiva compreensiva sobre esses sujeitos, buscando desvelar elementos de subjetividade, recriações e conflitos inerentes a dinâmica da vida, que podem dar pistas de como estudantes de Nutrição pensam, sentem e agem sobre suas práticas alimentares <sup>13</sup>.

Parte do trabalho desenvolvido por Pinto <sup>14</sup> dedicou-se às experiências alimentares de estudantes de Nutrição, considerando que estes sujeitos são aqueles que se dedicam a estudar

a temática da alimentação em sua perspectiva técnico-científica. A autora objetivou identificar, através de autobiografias, se estes encontravam dificuldades em “manter um padrão alimentar”, diante do que preconiza as Ciências da Nutrição. As narrativas do estudo se revelaram na qualidade de instrumento capaz de fazer ecoar não somente as palavras e pensamentos das estudantes, mas também aquilo que é compartilhado entre os seres humanos. Como pensamos e nos sentimos com relação às nossas práticas alimentares? Os resultados produzidos neste estudo suscitam reflexões sobre o percurso formativo considerando estas questões.

Outros trabalhos tendem a colaborar para essas observações em torno da miríade de relações que permeiam a construção das práticas alimentares, como é o caso do estudo realizado por Santos <sup>15</sup>. Seu objetivo foi analisar as relações estabelecidas com o comer e as mudanças e permanências das práticas alimentares - a partir de relatos biográficos dos sujeitos - enquanto processos inseridos na trajetória de vida e que apresentam múltiplos fatores envolvidos, em torno de processos de reaprendizagem alimentar; das tensões entre a fome e desejo alimentar; da reconstrução do gosto e as novas sensibilidades alimentares, por exemplo.

Assim, ao cogitar as repercussões de diferentes contextos nas elaborações e invenções cotidianas em torno do comer e ao pensar em estudantes da área de Saúde e particularmente em estudantes de Nutrição - enquanto agentes promotores de saúde e mediadores dos processos educativos sobre alimentação saudável, ressalta-se que estes são também sujeitos que elaboram seus modos de comer no mundo da vida e convém, portanto, considerar suas experiências relacionadas às práticas alimentares no contexto de formação profissional. Diante disto, o objetivo deste trabalho é compreender como estudantes de Nutrição atuam sobre suas práticas alimentares ao longo do percurso formativo.

## **METODOLOGIA**

Trata-se de um estudo com abordagem qualitativa, realizado no ano de 2017, tendo como universo empírico estudantes de graduação em Nutrição de uma universidade pública, localizada na cidade de Salvador – Bahia.

O critério de inclusão dos sujeitos para o estudo contemplou estudantes a partir do penúltimo semestre, por considerar que estas devem possuir um conjunto de experiências e (re) elaborações sobre suas práticas alimentares. O universo empírico foi construído a partir da técnica bola de neve e o total de participantes foi definido ao identificar a produção de um

material empírico denso o suficiente para ser utilizado como fonte investigativa, totalizando nove informantes.

Com a intenção de pesquisar parte da realidade social e histórica das estudantes, a entrevista narrativa foi o elemento central para a produção de dados diante da possibilidade de reconstrução do próprio percurso biográfico dos sujeitos <sup>16,17</sup>, permitindo mapear e compreender as suas experiências alimentares no mundo da vida. As entrevistas foram realizadas durante dois meses, individualmente e em local reservado, com duração média de 50 minutos. Em seguida, foram realizadas transcrições das entrevistas, sucessivas leituras e escutas, exercitando a “atenção flutuante”<sup>18</sup> para trabalhar com as diferentes e complementares nuances presentes na complexidade vivida da oralidade, junto aos registros da linguagem transcritos integralmente.

Para análise dos dados, foi utilizada a abordagem compreensiva <sup>18</sup>. Entende-se que o material empírico produzido, a partir do encontro experiencial da entrevista, possibilitou a captação das transformações na vida (acadêmica e social) das entrevistadas, pois as narrativas tratam das experiências e dos sentidos em uma elaboração discursiva que se faz diante do outro, em interação.

Para melhor condução do processo analítico, foram elaboradas questões de referência relacionadas à descrição das práticas alimentares de estudantes de Nutrição; aos sentidos e significados atribuídos às experiências alimentares, vivenciadas ao longo do percurso formativo; o que mudou/permaneceu (e como) nas práticas alimentares durante este processo.

Nomes fictícios foram escolhidos pela autora para preservar a identidade dos participantes do estudo, como pactuado no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, assinado por todas entrevistadas. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Escola de Nutrição da Universidade Federal da Bahia, sob o n° 1.956.643, com base na Resolução n° 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

### **Considerações sobre os espaços formativos**

Partimos da compreensão de que as práticas alimentares cotidianas estão sempre situadas, pois são construídas a partir de (inter) ações entre sujeitos em um dado contexto, que, neste estudo, é o espaço acadêmico universitário, enquanto mais um lugar de

experiências do comer no mundo da vida. Neste sentido, é importante destacar que a entrada no espaço acadêmico é acompanhada por profundas mudanças na vida de graduandos. A vivência universitária é marcada por um ritmo bastante dinâmico e a rotina conturbada traz implicações nas práticas alimentares de seus estudantes, diante da falta de tempo para realização de refeições completas, resultando no consumo de lanches rápidos, pouco nutritivos, além da omissão de refeições em decorrência das atividades acadêmicas<sup>19,20</sup>.

Esta fase representa, para muitos, a assunção de tarefas que antes eram do âmbito familiar - como atribuição dos responsáveis pela casa e pelos cuidados da família. Assim, neste novo ciclo da vida, muitos precisam sair da casa dos pais, resultando em mudanças em suas práticas com novas tarefas e atribuições sobre moradia, alimentação e finanças, diante de uma nova rotina a ser construída coincidindo, na maioria dos casos, com o início da fase adulta e as descobertas e vivências inerentes a esse momento<sup>21</sup>.

A universidade apresenta-se como um dos principais cenários nas narrativas, enquanto espaço primordial de contato com o “mundo da Nutrição”. É importante considerar que na formação em Nutrição não há um discurso único sobre a alimentação. Todavia, há uma noção prevalente sobre a saúde<sup>22,23</sup>. O discurso hegemônico da Ciência da Nutrição, forjado na racionalidade científica moderna, tem sido analisado por alguns autores enquanto estratégia de biopoder, na manutenção de corpos dóceis diante da norma disciplinadora<sup>9,10,24,25</sup>. Contudo, como discute Rangel<sup>26</sup> no contexto de formação “as relações sociais e educacionais são pautadas e medidas por um colorido muito variado, de diversos matizes e sons” (p.274), sendo necessário pensar com e ir além da perspectiva de biopoder.

Considerar a formação em Nutrição e a construção das práticas alimentares neste contexto, é chamar a atenção para um movimento que não se esgota na aprendizagem de conteúdos ensinados nos espaços supracitados. Essa aprendizagem é um dos elementos fundantes da formação, mas não o único, pois ela carrega consigo a dimensão da “existência cidadã” no processo de formação do ser em sua pluralidade característica<sup>27</sup>. Há de se considerar, portanto, outras aprendizagens que passam a margem do currículo, por exemplo. As experiências narradas dão pistas sobre os sistemas de valores e práticas e relações de poder característicos dos espaços sociais vivenciados, além das interações que afetam e se deixam afetar pela maneira como essas estudantes pensam, sentem e agem sobre a alimentação e sobre como se posicionam no mundo social.

O grupo de estudantes apresentou idade entre 21 e 30 anos, sendo composto em sua maioria por mulheres, com apenas um homem no grupo. Esta característica converge com

outros estudos que tratam de temas relacionados a formação em Nutrição e a profissão Nutricionista <sup>28</sup>. Das nove estudantes, quatro são de diferentes regiões do estado da Bahia; outras quatro foram nascidas e criadas na capital e apenas uma estudante tem origem na região Sul do país. Cada lugar com suas particularidades sobre as práticas de comer e beber e que ressoam - como referências e hábitos - no cotidiano alimentar. Como nos diz DaMatta <sup>29</sup>, “a comida vale tanto para indicar uma operação universal - o ato de alimentar-se • quanto para definir e marcar identidades pessoais e grupais, estilos regionais e nacionais de ser, fazer, estar e viver.” (p. 57).

A multiplicidade de enredos também diz respeito às vivências na formação acadêmica, diante dos caminhos singulares percorridos pelas estudantes durante a graduação. As experiências de participação em projetos de pesquisa e extensão, além de estágios - para citar alguns exemplos - também deram o tom da construção de suas práticas formativas e também alimentares, em meio as novas descobertas de cunho científico e a intimidade desenvolvida com a área do conhecimento que a vivência proporcionara. Tudo isso se concebe em interação com os saberes prévios em meio as experiências cotidianas em torno da alimentação.

### **O início do curso: da desestruturação das práticas alimentares a uma nova ordem alimentar.**

Sobre o início do curso, as estudantes se referem ao comer rápido e pouco seletivo diante do curto tempo de intervalo entre as aulas, pois “no início da faculdade, primeiro semestre principalmente, era muita correria. Não tinha horário pra almoçar.”. Vale salientar que a universidade em estudo é formada por *campi* situados em bairros diferentes e, no início do curso, as estudantes cursam os componentes curriculares do ciclo básico ofertados em diferentes locais, deslocando-se entre as unidades acadêmicas, ao longo do dia. Essa realidade, também observada por Fróes <sup>30</sup>, interfere na maneira como as estudantes agenciam suas práticas alimentares.

Essas situações, em alguns casos, foram reflexo também da ruptura com o comer familiar, já que metade das entrevistadas saiu de suas casas no interior do estado e passaram a viver na capital. Diante das diversas possibilidades de viver e morar longe de casa - sozinhas, em pensionatos e apartamentos coletivos - as estudantes foram, paulatinamente, modificando suas práticas em meio as interações e novas descobertas sobre a vida e a alimentação.

Cabe mencionar que parte desta realidade é também compartilhada por aquelas que já moravam na capital baiana e apresentavam uma rede de apoio familiar mais próxima durante

o processo formativo, evidenciando esta modificação na alimentação como consequência da nova rotina (universitária), mediada por questões organizacionais, financeiras, pelo tempo, afetos e estados de ânimo na dinâmica cotidiana, neste novo universo que agora estavam desbravando.

Este cenário de início de curso presentes nas narrativas apontam para um quadro de desestruturação das práticas alimentares marcada pela falta de horários, tempo e local destinado ao comer, considerando-se ainda que na instituição em estudo, além da própria organização dos cursos da área de Saúde - que são ministrados nos turnos da manhã e tarde - existem poucos espaços que proporcionem práticas alimentares consideradas saudáveis <sup>4</sup>, dando indícios sobre os desertos alimentares<sup>31</sup> nos campi universitários.

Com a vivência no curso de Nutrição o processo de saber sobre os alimentos e seus atributos nutricionais em interação com o corpo humano, bem como sua relação com o processo saúde-doença-cuidado, parece ser novo diante do que antes era sabido; uma vez que elas já poderiam ter ouvido falar sobre, mas não da maneira vivenciada no curso. Afinal, “sempre tá aí né, na internet, nas coisas. Mas é porque aqui se fala tanto.”

Diante disto, reflete-se que estudantes de Nutrição desenvolvem ao longo da graduação compreensões sobre o objeto de estudo, construindo familiaridade com o tema e elaborando um arcabouço teórico que as legitima a dizer como esses processos funcionam.

De modo geral, as mudanças alimentares presentes nas narrativas acompanham as transformações esperadas para um grupo de futuras nutricionistas diante do que é aprendido no curso<sup>4</sup>. As estudantes narram o desenvolvimento das preferências por alimentos com reduzida concentração de carboidratos simples, sódio, calorias, lipídios e aumento do consumo de alimentos integrais e de frutas, verduras e legumes, que formam uma tríade fundamental na composição do saudável aprendido. A maioria das estudantes reduziu o volume do que comia e aumentou o número de refeições por dia. Nos lanches, foram inseridas frutas como tangerina, maçã e banana, que ganharam destaque nesta seleção também na versão picada acompanhadas de cereais e/ou iogurte; sendo a fruta picada com iogurte um símbolo do comer saudável e de distinção destas práticas.

No bojo das mudanças, significadas pelas interlocutoras como positivas, observou-se principalmente a redução/interrupção do consumo de alimentos ultraprocessados. Os principais alimentos que deixaram de compor ou passaram a ocupar menos espaço no repertório alimentar das estudantes de Nutrição foram os refrigerantes e sucos industrializados. A “exclusão” deste último item apresenta-se como uma das primeiras

mudanças compartilhadas nas narrativas. São alterações alegadas principalmente pelo teor de açúcar presente nesses produtos e as consequências que seu consumo, em excesso, pode causar ao organismo.

[...] a gente começa a aprender a ler rótulos e as professoras falam: “ah, o primeiro ingrediente é o que tem mais em excesso.”. Aí você acaba vendo isso e pensa: “não, eu vou tirar esse suco de caixa da minha casa, da minha vida...” [...] (Fernanda)

Em seu trabalho conceitual sobre práticas alimentares, Cohn <sup>12</sup> discute sobre como as noções de risco são inerentes aos discursos sociais que são significados em alteridade ao passo em que, ao falar, cada sujeito compara e se situa em relação aos demais. Como nos conta Marta “[...] meus avós paternos, meus tios paternos, todo mundo é diabético e obeso. Eu não quero ser assim.”. Assim, as noções de risco que balizam as escolhas das entrevistadas não repercutem individualmente nos seus modos de agir e pensar a alimentação.

Já próximas ao meio do curso, a substituição dos alimentos aparece como grande trunfo para sair da monotonia alimentar - referida por algumas - ampliando as possibilidades gustativas ao aprenderem no curso, os grupos alimentares e as respectivas alternativas de consumo para cada alimento. Assim, o pão já não assume o protagonismo nas refeições. Agora, as raízes podem disputar esse lugar, e com caráter de nobreza por seus componentes nutricionais que agregam valor nutritivo e simbólico no sentido do saudável, a exemplo da batata doce e “seus” carboidratos complexos. Além disso, os sucos da polpa ou da fruta *in natura*, em alguns casos sem açúcar, não só passaram a substituir o refrigerante como também tiveram seu consumo aumentado.

### **A instituição da marmitta**

Em meados da graduação, as estudantes começam a vivenciar mais o ambiente da Escola de Nutrição. Assim, passam a dar seguimento ao curso com as disciplinas do ciclo profissionalizante na medida em que também interagem com os agentes deste universo mais particular como as professoras, os estudantes mais avançados e os pacientes e diferentes comunidades no decurso dos componentes curriculares profissionalizantes e projetos de pesquisa e extensão vinculados ao curso. Diante disto, notamos que na medida em que as estudantes chegam a passar a maior parte do dia neste espaço, uma espécie de sensação de assentamento é por elas alcançada, pois finalmente, agora, estão na Escola de Nutrição. Assim, passam a carregar mochilas maiores, sacolas com lanches e almoço, além da garrafa

de água - como emblema de uma conduta saudável e disciplinada - pelo menos na tentativa de instituí-la, diante da dificuldade relatada pelas estudantes em manter a ingestão hídrica de acordo com o preconizado pelos conhecimentos aprendidos no curso.

Destarte, notamos que para organizar a rotina alimentar em casa e o comer na faculdade, há um estudo sobre as possibilidades no agenciar da alimentação. São analisadas as alternativas de consumo, o custo, o local, o cuidado com o preparo – mesmo quando não são elas as responsáveis por esta prática - o sabor da comida caseira, a companhia e os exemplos das colegas - que também se tornam amigas, com quem compartilham os dias e vida - dando indícios de uma relação de custo benefício na implantação da marmita - que se apresenta como prática simbólica constituída e incorporada no cotidiano das estudantes.

Nesta esteira, compreendemos que esta maior permanência no ambiente da faculdade repercute nos modos de comer e demanda agenciamentos e ajustes para que, desta forma, o comer fora de casa se torne também, na medida do possível, o mais próximo do lar. Esses agenciamentos podem ser ilustrativos do quanto que estes espaços são repletos de afetos, sentimentos e interações diversas e que repercutem na construção das práticas alimentares.

A vivência no contexto de formação configura-se como o encontro difuso entre diferentes culturas alimentares, o entrecruzamento do discurso científico com o *habitus*<sup>32</sup> já constituído e abertura de espaços de construção de novos gostos, bem como mudanças nas práticas culinárias, que para algumas, ganharam mais espaço em sua vida cotidiana.

Algumas estudantes falam da necessidade de aprender a cozinhar, mesmo antes da entrada na graduação. Este processo veio mediado pela possibilidade de ter mais liberdade e alternativa sobre o que comer, principalmente quando distantes da família. A miríade de vivências no curso se apresenta, para muitas, como possibilidade para o desenvolvimento de habilidades culinárias para aprimoramento da preparação em termos do saudável por elas estudado. De fato, ainda que o desenvolvimento destas habilidades não esteja contemplado no percurso curricular, e durante muitas décadas não fizesse parte das pretensões da Ciência da Nutrição - diante da necessidade de reforçar seu caráter científico e racionalizante sobre a alimentação - os enredos construídos neste estudo apontam para experimentações nos diversos espaços em que o ato de cozinhar acontece, para além dos laboratórios e das técnicas científicas que se debruçam sobre a preparação dos alimentos, por meio das disciplinas de Técnica Dietética, por exemplo. As práticas culinárias apresentam caráter híbrido, na medida em que as estudantes mesclam saberes referenciados em outros espaços, como “técnicas do

empírico”, juntamente com as noções sobre as transformações dos alimentos durante a cocção, dentre outros aspectos.

Tem as aulas de dietética mesmo. Coisa que eu adorava [ênfase] ficar no laboratório de dietética e aí a gente aprende. Tenho muitas receitas que eu já reproduzi em casa. Todo mundo gostou. Então é uma coisa mesmo que eu pegava pra minha vida. [...] Foi uma evolução... né? (Liz)

Novas receitas, aprendidas no curso, socializadas entre as colegas e também no seio familiar, foram adaptadas e constituem as formas de cozinhar dessas estudantes, que (re) aprenderam a preparar as refeições diante da distância da família, do custo, e motivadas também, pelo aprendizado durante a graduação, fazendo novas descobertas em atos coletivizados.

Cabe mencionar que, apesar das práticas culinárias não estarem restritas à implementação da marmita – e vice-versa –, o seu desenvolvimento ganhou mais espaço na vida de algumas das entrevistadas, repercutindo em suas elaborações sobre o que preparar e levar de casa para a faculdade.

Neste sentido, a marmita começa a aparecer nas narrativas como uma prática desenvolvida, mais intensamente, do meio para o final do curso. Este é um momento em que, segundo elas, a carga horária já não estava tão extenuante, e assim foi possível organizar o comer na faculdade e conseqüentemente o comer melhor. Todavia, ficamos com o questionamento: até que ponto o curso diminuiu a carga horária, ou as estudantes ressignificaram suas práticas em meio as contingências e passaram a incorporar a marmita em seu cotidiano alimentar? O que notamos é que o curso, de acordo com o currículo vigente não diminui sua carga horária semestral e, mesmo levando a marmita, nem sempre existem horários e locais disponíveis para refeição na rotina acadêmica das interlocutoras.

Diante disto, as narrativas revelam pontos de contradição nas experiências alimentares ao longo da formação, na medida em que o espaço que ensina e faz cumprir as normas não converge para o alcance das mesmas. Afinal, “tem professor que não quer deixar a gente comer em sala”. Prática que muitas vezes se faz necessária diante da dinâmica do curso por conta da distribuição de carga horária e a falta de tempo para dedicar à alimentação.

Desta maneira, as narrativas trazem a marmita e a prática culinária como algumas das estratégias rumo ao comer bem/comer junto/mais barato/melhor/saudável, diante da dinâmica da vida cotidiana, como já mencionado. Todavia, ao narrarem suas experiências alimentares,

as estudantes também apontam para a defasagem existente entre as normas da Nutrição e suas práticas. As estudantes desenvolvem suas maneiras de fazer para lidar com as contingências da cotidianidade, inclusive, com as circunstâncias provocadas pelo próprio sistema de organização da graduação em que a rotina alimentar se modifica, por exemplo, diante dos interditos do comer nos espaços formativos.

### **Quase profissionais... entre mudanças e (r) existências**

E agora quando bem pro final do curso, que a gente tem uma consciência maior, aí vai faltando aquele tempo maior de você se organizar pra ter aquela alimentação que você sabe que tem que ser de três em três horas, que tem que ter aquela quantidade de porção. (Nina)

O que notamos é que a falta de tempo para o comer é uma constância durante a formação. No entanto, o modo como estas estudantes lidam com imperativo do tempo em meio ao caos cotidiano da vida universitária toma outros contornos; e a criticidade sobre suas escolhas e práticas aumenta. Mesmo ao final do curso, durante os estágios, realizados fora da instituição, os enredos apontam para as dificuldades na continuidade do uso da marmita e os restaurantes tornam-se a opção para refeição. Sobre esses momentos, as narrativas trazem a dimensão do “controle” sobre os desejos e a necessidade de escolhas mais criteriosas ao comerem na rua. A noção da tentação e resistência ao “pecado” – calcada numa moral religiosa, fortemente atrelada à alimentação<sup>10</sup> – dão a tônica da narrativa de Liz:

... até em clínica [estágio curricular] eu trazia [a marmita] mas agora... como eu falei né? Tô fazendo escolhas melhores. Não me rendo tanto as tentações que tem no buffet [risos]. Antigamente não... antigamente eu botava tudo. É... frituras, as sobremesas que são maravilhosas [risos]. Ficam lá te olhando. Mas eu não... não me rendo tanto não.

Além disso, no âmbito doméstico e familiar, as futuras nutricionistas referem desenvolver maior autonomia para interferir nos modos de comer da família.

[...] geralmente, quem faz as compras sou eu. Eu compro as coisas, verduras, eu compro tudo em casa. [...]. Antigamente eu não tinha, digamos uma autonomia, acho que posso dizer assim... Pra falar determinada coisa. Dizer “Não.” Explicar... “Ah, olha... isso aqui é bom por conta disso, disso e disso.”, entendeu? (Helena)

A maioria das narrativas indica a participação ativa em todo o processo de tomada de decisão, escolha, compra e preparo da alimentação. Já na iminência da formação a autonomia ganha potência na medida em que as estudantes interagem com os modos de fazer da família, que já foram ou ainda são seus. Agora esses sujeitos se apresentam com outras práticas respaldadas pelo conhecimento técnico-científico e que, por vezes, continuam a conflitar com aquelas já instituídas e que se configuram como heranças nos modos de lidar com o comer.

[...] por menor que seja um tablete [tempero pronto] que aquilo ali tá super rico em sódio que na verdade você não precisa dele [...] A gente viu minha mãe usar. [...] E que na verdade é prejudicial à saúde. Aí você pára assim pra pensar: “Poxa, e agora?” Aí o conflito que eu tive foi de chegar em casa e falar, né? Tipo: “Ah, a partir de agora eu não queria mais usar tal produto...” (Liz)

Os enredos sobre as práticas alimentares revelaram-nas enquanto constituintes de identidades - inclusive profissional - e que denotam elementos de distinção social, envolvendo cobranças, expectativas e estigmas dentro e fora do campo do qual partem as regras de conduta mais aceitas, sendo dimensões que se acentuam com a aproximação da finalização do curso.

Mas não é só o espaço acadêmico - enquanto instituição legitimada do poder-saber - que vigia suas estudantes com o objetivo de manter seus corpos dóceis para cumprir as normas, no sentido de torná-las boas profissionais. Em qualquer outro local no qual as estudantes estejam presentes, sobrepujam-se os olhares vigilantes do campo do saber autorizado, em uma onipresença que exercita anonimamente o poder <sup>33</sup> - sob o qual as estudantes estão sujeitas.

Neste sentido, as estudantes são convocadas a compartilhar dos mesmos símbolos perante o grupo social ao qual buscam pertencer: o grupo de nutricionistas que “devem” consumir e aparentar viver saudavelmente - e isso tem se tornado regra para todos - além de precisar (demonstrar) saber sobre alimentação (saudável), como observado por Pinto <sup>14</sup>, ao analisar as narrativas de estudantes de Nutrição sobre suas práticas alimentares.

Mesmo ao final do curso, nos interstícios entre o dizer da Nutrição e o fazer real, há uma questão: são práticas comuns, narradas por sujeitos que desenvolvem suas maneiras de fazer mediadas pelo tempo, condições financeiras, pelos afetos, pelos conhecimentos científicos e outros saberes que compõe o comer-prático-possível, como relata Flor:

[...] mas, eu acho que dentro do meu contexto é que eu posso fazer, entendeu? Claro que eu acho que eu poderia me esforçar um pouco mais. Mas, às vezes a vida é tão corrida que você pensa assim...Poxa, eu tenho que chegar da faculdade cansada, eu cheguei peguei ônibus, eu tenho que andar mais um pouco pra ir no supermercado comprar porque eu acho tenho que comer isso...

Ademais, há no cotidiano um material fluido que não segue a lógica do discurso formativo, pois a alimentação é também agenciada cotidianamente em meio às novidades e situações habituais. São elementos volitivos, de memória e afetividade, autonomia e a inconstância que compõem a existência dos sujeitos e que mediam a sua prática alimentar.

Neste sentido, percebemos que mesmo com a perspectiva da aceitação de uma razão prática que se manifesta no cotidiano, as estudantes não estão entregues à passividade e à disciplina diante do discurso da Nutrição e o seu campo. As narrativas das estudantes contam sobre táticas <sup>34</sup> - como um saber sem escritura - desenvolvidas para agenciarem suas práticas alimentares com mais liberdade. Foi possível identificar que essa liberdade, ou a busca dela, está acompanhada de uma consciência sobre o ato de comer- desenvolvida ao longo do curso e que carrega consigo a dimensão da moderação e do bom senso no consumo dos "condenáveis."

São construções que revelam a presença, muitas vezes limiar, de outras condutas construídas e incorporadas anteriormente à graduação e que, em algumas situações, demandam táticas desenvolvidas para lidar com o consumo daquilo que é considerado não saudável.

Eu coloco manteiga... eu coloco um queijo mais... Gordo [ênfase]. [...] Normalmente eu como meio pão, eu boto manteiga [ênfase] [...] Eu adoro beber leite com aveia e açúcar [ênfase], mas às vezes eu não boto açúcar, às vezes eu boto açúcar pra ficar mais gostoso. Às vezes eu faço o beiju como eu falei, as vezes eu faço um omelete [ênfase] aí falo “não frita, não faça o omelete com a gordura”, mas eu acabo colocando manteiga. [...] o lanche já é uma coisa mais nutricionalmente adequada, aí já é um iogurte, já é uma fruta... (Fernanda)

A narrativa de Fernanda caminha no sentido de que algo é vivenciado pelas demais em suas práticas: reproduzir e transformar são fazeres mútuos em ato. São saberes tácitos que orientam suas práticas, revelando um cotidiano de negociações. Essas decisões não são tomadas individualmente e nem são puramente racionais, elas se coletivizam, pois estão em um contexto cultural e social. Institui-se assim, um “*habitus* bricolista” <sup>35</sup> na descontinuidade característica da contemporaneidade, diante das inúmeras racionalidades e critérios disparados pelos sujeitos em suas práticas do dia a dia.

Muitas coisas mudaram, mas também permaneceram nas práticas relatadas. São evidências de gostos constituídos ao longo da história de vida destas estudantes e que, em alguns casos, são praticados comedidos, a depender das circunstâncias, com a justificativa da temperança e mediante reajustes nas práticas diante do novo aprendido, em meio aos movimentos de microresistências, sem perder de vista o cotidiano de negociações e trampolinagens.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Esse estudo buscou, ao destacar o contexto formativo e a agência de estudantes de Nutrição sobre suas práticas alimentares, evidenciar que esta última não está meramente subordinada ao conhecimento - prescritivo e disciplinador - aprendido no curso, uma vez que o cenário de formação acadêmica está repleto de encontros experienciais e produção de saberes e fazeres outros que não aqueles oriundos do discurso dominante da Ciência da Nutrição. As narrativas revelaram acordos (inter) subjetivos que organizam a experiência alimentar. Notamos ainda, que estas experiências coexistem em um emaranhado com os conhecimentos, as estratégias e os saberes e táticas cotidianos.

As mudanças nas práticas alimentares se revelam no gerúndio, nas trajetórias de vida das estudantes e evidenciam o *continuum* da construção das práticas alimentares, que na graduação se (in)tensifica. São práticas que reservam em si, indicadores de criatividade, inovação e (r)existência. São maneiras de lidar com a norma instituída e os sujeitos, em interação, se apropriam dos discursos e nas experiências cotidianas (re) elaboram constantemente uma nova ordem alimentar.

Neste sentido, ressaltamos a necessidade de estudos desta natureza que possam suscitar reflexões sobre a complexidade dos fenômenos relacionados à alimentação e nutrição bem como a formação de estudantes de Nutrição, considerando que neles estão implícitas as relações dos sujeitos consigo, com o outro, com o que se come, seus corpos, ambientes e a construção de identidades.

## **REFERÊNCIAS**

1. Marcondelli P, Costa THM, Schmitz BAS. Nível de atividade física e hábitos alimentares de universitários do 3º ao 5º semestre da área da saúde. Rev. Nutr. Campinas 2008; 21(1):39-47.

2. Alvarenga MS, Scagliusi FB.; Philippi ST. Comparison of eating attitudes among university students from the five Brazilian regions. *Ciência & Saúde Coletiva* 2012; 17(2):435-444.
3. Matias CT, Fiore EG. Mudanças no comportamento alimentar de estudantes do curso de nutrição em uma instituição particular de ensino superior. *Nutrire: rev. Soc. Bras. Alim. Nutr.* 2010; 35(2):53-66.
4. Moreira WRN, et al. Consumo alimentar, estado nutricional e risco de doença cardiovascular em universitários iniciantes e formandos de um curso de nutrição, Viçosa-MG. *Rev. 2013 jul/set; 16(3):242-249.*
5. Oliveira AC, et al. Hábitos alimentares de acadêmicas do primeiro e do último ano de cursos de graduação em Nutrição no estado do Maranhão. *Nutrire* 2015 Dec;40(3):328-336.
6. Penz LR, Bosco, SM, Vieira M. Risco para desenvolvimento de transtornos alimentares em estudantes de Nutrição. *Scientia Medica* 2008 jul./set;18(3):124-128.
7. Kirsten VR, Fratton F, Porta NBD. Transtornos alimentares em alunas de nutrição do Rio Grande do Sul. *Rev. Nutr* 2009 abr;22(2): 219-227.
8. Lupton D, Chapman S. "A healthy lifestyle might be the death of you": discourses on a diet, cholesterol control and heart disease in the press and among the lay public. *Sociology of Health and Illness* 1995; 17 (4):477-49.
9. Castiel LD, Álvarez-Dardet C. La salud persecutoria. *Rev Saúde Pública* 2007;41(3):461-6.
10. Vilá MG. ¿ Orientación alimentaria o los diez mandamientos?: La moral en los discursos de la nutrición y la salud. México: Instituto Nacional de Antropología e Historia - Inah; Enah; 2007. 406 p.
11. Fournier T. Face à l'injonction diététique, un « relativisme nutritionnel » en France. *Sociologies, Premiers textes*, 2014.
12. Cohn S. From health behaviours to health practices: an introduction. *Sociology of health & illness* 2014; 36 (2): 157-62.
13. Castro JBP de, Carvalho MCVS, Ferreira FR, Prado SD. Faça o que eu digo, mas não faça o que eu faço!": a décalage como ferramenta para compreensão de práticas corporais e alimentares. *Rev. Nutr., Campinas* 2015. 28(1): 99-108
14. Pinto VLX. As coisas estão no (meu) mundo, só que eu preciso aprender. *Autobiografia, reflexividade e formação em Educação Nutricional [dissertação]. [Natal]: Universidade Federal do Rio Grande do Norte; 2006. 299 f.*

15. Santos LAS. O corpo, o comer e a comida: um estudo sobre as práticas corporais e alimentares no mundo contemporâneo. Salvador: EdUFBA; 2008. 330 p.
16. Gaskell G. Entrevistas individuais e grupais. In: Bauer MW Gaskell, G, editores. Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2003. p. 64-89.
17. Duarte R. Entrevistas em pesquisas qualitativas. Educar. 2004; (24): 213-225, Editora UFPR, Curitiba.
18. Kauffman JC. A entrevista compreensiva: um guia para pesquisa de campo. 3. ed. Rio de Janeiro: Petrópolis; 2013. 202 p. Tradução de Thiago de Sbreu e Lima Florencio; revisão técnica de Bruno César Cavalcanti.
19. Feitosa LPS, et al. Hábitos alimentares de estudantes de uma universidade pública no nordeste, Brasil. Alim. Nutr. Araraquara 2010 abr./jun;21(2): 225-230.
20. Maia R.P, Recine E. Valores e práticas sobre alimentação de estudantes da Universidade de Brasília. Demetra 2015; 10 (1): 3-25.
21. De Assis AD, Oliveira AGB. Vida universitária e Saúde Mental: Atendimento às demandas de saúde e Saúde Mental de estudantes de uma universidade brasileira. Cadernos Brasileiros de Saúde Mental, Florianópolis 2010; 2 (4-5):159 – 177.
22. Pagliosa, FL, Da Ros MA. O Relatório Flexner: para o Bem e para o Mal. Revista Brasileira de Educação Médica 2008; 32(4): 492 – 499.
23. Almeida Filho, N. Reconhecer Flexner: inquérito sobre produção de mitos na educação médica no Brasil contemporâneo. Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro 2010; 26 (12): 2234-2249.
24. Bom Kraemer F, et al. O discurso da alimentação saudável como estratégia de biopoder. Physis: Revista de Saúde Coletiva, Rio de Janeiro 2014; 24 (4):1337-1359.
25. Castiel LD, et al. Os riscos e a promoção do autocontrole na saúde alimentar: moralismo, biopolítica e crítica parresíasta. Ciência & Saúde Coletiva 2014; 19(5):1523-1532.
26. Rangel L. O sabor dos saberes: margens e experiências limiáres na cultura e na educação. Rio de Janeiro: Multifoco; 2016. 426 p.
27. Macedo RS. Pesquisa a experiência compreender/mediar saberes experienciais. Curitiba, PR:CRV; 2015. 114p.
28. Beraldi S, et al. Avaliação da qualidade devida de estudantes de Nutrição. Trab.Educ.Saúde, Rio de Janeiro 2015 maio/ago; 13 (2):515-531.
29. Damatta R. A casa & a rua. Rio de Janeiro, Guanabara, 1987, 178 p.

30. Fróes AAG. Os aprendizes da casa verde: um estudo sobre a comensalidade dos estudantes de Nutrição da Universidade Federal da Bahia [dissertação]. [Salvador] : Universidade Federal da Bahia; 2010; 77 f.
31. Beaulac J, Kristjansson E, Cummins S. A systematic review of food deserts, 1966-2007. *Prev Chronic Dis* 2009; 6 (3):
32. Bourdieu P. Estrutura, habitus e prática. In:\_\_\_\_\_. MICELI, S, organizador. A economia das trocas simbólicas. São Paulo: Perspectiva, 2007. p. 336-361.
- 33.Foucault M. O panoptismo. In:\_\_\_\_\_. Foucault M. Vigiar e punir: nascimento da prisão. 42. ed. Rio de Janeiro: Vozes; 2014. Tradução Raquel Ramallete. p. 190 – 219.
34. Certeau, M. A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer. 22. ed. Petrópolis: Vozes, 2014. 316 p.
35. Carvalho MCVS, PRADO SD. Bricolagem alimentar na escola. In: Narrativas sobre o cuidado alimentar e o comer na escola. Freitas MCS, Amparo-Santos L, Fontes GAV, Ramos LB, organizadoras. Salvador: EDUFBA; 2016. p. 89-106.

## REFERÊNCIAS GERAIS

- ALMEIDA FILHO, N. Reconhecer Flexner: inquérito sobre produção de mitos na educação médica no Brasil contemporâneo. *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 26, n. 12, p. 2234-2249, Dec. 2010.
- ALVARENGA, M. S.; SCAGLIUSI, F. B.; PHILIPPI, S. T. Comparison of eating attitudes among university students from the five Brazilian regions. *Ciência & Saúde Coletiva*, v.17, n.2, p.435-444, 2012.
- ALVES, H.J.; BOOG, M.A.F. Comportamento alimentar em moradia estudantil: um espaço para a promoção da saúde. *Rev. Saúde Pública*, São Paulo, v. 41, n. 2, p. 197-204, 2007
- DE ASSIS, A.D.; OLIVEIRA, A.G.B. Vida universitária e Saúde Mental: Atendimento às demandas de saúde e Saúde Mental de estudantes de uma universidade brasileira. *Cadernos Brasileiros de Saúde Mental*, Florianópolis, v. 2, n. 4-, p.159 – 177, 2010.
- BEAULAC, J.; KRISTJANSSON, E.; CUMMINS S. A systematic review of food deserts, 1966-2007. *Prev Chronic Dis* 2009; 6 (3):
- BERALDI, S. et al. Avaliação da qualidade de vida de estudantes de Nutrição. *Trab.Educ.Saúde*, Rio de Janeiro, v. 13, n. 2, p. 515-531, maio/ago., 2015.
- BOM KRAEMER, F. et al. O discurso da alimentação saudável como estratégia de biopoder. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 24, n. 4, p. 1337-1359, 2014.
- BOURDIEU, P. Estrutura, habitus e prática. In: \_\_\_\_\_. MICELI, S. (Org.). *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2007. p. 336-361.
- CARVALHO, M.CV.S.; PRADO, S.D. Bricolagem alimentar na escola. In: *Narrativas sobre o cuidado alimentar e o comer na escola*. Maria do Carmo Soares de Freitas, Ligia Amparo-Santo, Gardênia Abreu Vieira Fontes, Lilian Barbosa Ramos (Org.). Salvador: EDUFBA, 2016. p. 89-106.
- CASTIEL, L.D. Crenças, Descrenças, Famintos, e a Promoção da Saúde Alimentar. In: CASTIEL, L. D. ÁLVAREZ, C. D. D. *A saúde persecutória: os limites da possibilidade*. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2007.
- CASTIEL, L.D. et al. Os riscos e a promoção do autocontrole na saúde alimentar: moralismo, biopolítica e crítica parresiasista. *Ciência & Saúde Coletiva*, v.19, n.5, p. 1523-1532, 2014.
- CASTRO, J. B. P. de.; CARVALHO, M. C. da V. S.; FERREIRA, F. R. and PRADO, S. D. "Faça o que eu digo, mas não faça o que eu faço!": a décalage como ferramenta para

compreensão de práticas corporais e alimentares. *Rev. Nutr.*, Campinas, v. 28, n. 1, p. 99-108, 2015.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer*. 22. ed. Petrópolis: Vozes, 2014. 316 p.

COHN, S. From health behaviours to health practices: an introduction. *Sociology of health & illness*, v. 36, n.2, p. 157-62, 2014.

CONTRERAS, J. H; ARNAIZ, MG. Aproximaciones Teóricas. In: :\_\_\_\_\_. *Alimentacion y Cultura*. Perspectivas antropológicas. Barcelona:Editorial Ariel, 2005.

\_\_\_\_\_. *Alimentação, Sociedade e Distinção Social*. In:\_\_\_\_\_. *Alimentação, sociedade e cultura*. Tradução de Mayra Fonseca e Barbara Atie Guidalli. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2011, p.211-288.

DAMATTA R. *A casa & a rua*. Rio de Janeiro, Guanabara, 1987, 178 p

DUARTE, R. Entrevistas em pesquisas qualitativas. *Educar*, n. 24, p. 213-225, Editora UFPR, Curitiba, 2004.

ELIAS, N. *O processo civilizador*. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

FEITOSA, L.P.S. et al. Hábitos alimentares de estudantes de uma universidade pública no nordeste, Brasil. *Alim. Nutr. Araraquara*, v.21. n. 2, p. 225-230, abr./jun., 2010.

FOUCAULT, M. O panoptismo. In:\_\_\_\_\_. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. 42. ed. Rio de Janeiro: Vozes; 2014. Tradução Raquel Ramalhte. p. 190 – 219.

FOURNIER, T. Face à l'«injonction diététique, un « relativisme nutritionnel » en France. *Sociologies*, Premiers textes, 2014.

FRÓES, A.A.G. *Os aprendizes da casa verde: um estudo sobre a comensalidade dos estudantes de Nutrição da Universidade Federal da Bahia*. Dissertação (Mestrado em Alimentos, Nutrição e Saúde) Escola de Nutrição, Salvador, 2010.

GASKELL, George. Entrevistas individuais e grupais. In: BAUER, Martin W; GASKELL, George (Eds.). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som*. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2003. p. 64-89.

KAUFMANN, J.C. *A entrevista compreensiva: um guia para pesquisa de campo*. Petrópolis/Maceió, Vozes/Edufal, 202 p. 2013.

KIRSTEN, V. R.; FRATTON, F.; PORTA, N. B. D. Transtornos alimentares em alunas de nutrição do Rio Grande do Sul. *Rev. Nutr.*, Campinas, v. 22, n. 2, p. 219-227, Abr. 2009.

LAPLANTINE, F. *A descrição etnográfica*. 1943. Tradução João Manuel Ribeiro Coelho e Sérgio Coelho. São Paulo: Terceira Margem, 2004.

- MACEDO, R.S. *Pesquisa a experiência compreender/mediar saberes experienciais*. Curitiba, PR:CR, 2015. 114p.
- MAIA, R.P, RECINE, E. Valores e práticas sobre alimentação de estudantes da Universidade de Brasília. *Demetra*. v.10, n. 1, p. 3-25, 2015.
- MARCONDELLI, P.; COSTA, T. H. M.; SCHMITZ, B. A. S. Nível de atividade física e hábitos alimentares de universitários do 3º ao 5º semestres da área da saúde. *Rev. Nutr.*, Campinas, v. 21, n.1, p.39-47, 2008.
- MATIAS, C. T.; FIORE, E. G. Changes in the eating behavior of nutrition students in a private university. *Nutrire: rev. Soc. Bras. Alim. Nutr.* São Paulo, SP, v. 35, n. 2, p. 53-66, 2010.
- MOREIRA, W.R.N. et al. Consumo alimentar, estado nutricional e risco de doença cardiovascular em universitários iniciantes e formandos de um curso de nutrição, Viçosa-MG. *Rev. APS*. jul/set, v.16, n, p. 242-249, 2013.
- MINAYO, M. C. S.; GUERRIERO, I. C. Z. Reflexividade como éthos da pesquisa qualitativa. *Ciênc. saúde coletiva*. vol.19, n.4, 2014.
- OLIVEIRA, A.C. et al. Hábitos alimentares de acadêmicas do primeiro e do último ano de cursos de graduação em Nutrição no estado do Maranhão. *Nutrire*. v. 40, n.3, p.328-336, 2015.
- SOARES, M.D.; TRAD, L.A.B. Cenas e sentidos do cuidado alimentar de crianças no mundo cotidiano. In: *Narrativas sobre o cuidado alimentar e o comer na escola*. Maria do Carmo Soares de Freitas, Ligia Amparo-Santo, Gardênia Abreu Vieira Fontes, Lilian Barbosa Ramos (Org.). Salvador: EDUFBA, 2016. p. 13-36.
- PAGLIOSA, F. L.; DA ROS, M. A. O Relatório Flexner: para o Bem e para o Mal. *Revista Brasileira de Educação Médica*, v. 32, n. 4, p. 492 – 499, 2008.
- PENZ, L.R.; BOSCO, S.M.; VIEIRA, J.M. Risco para desenvolvimento de transtornos alimentares em estudantes de Nutrição. *Scientia Medica* , Porto Alegre, v. 18, n. 3, p. 124-128, jul./set. 2008
- PINTO, V. L. X. *As coisas estão no (meu) mundo, só que eu preciso aprender. Autobiografia, reflexividade e formação em Educação Nutricional*. 2006. 299 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2006.
- RANGEL, L. O sabor dos saberes: margens e experiências limiaries na cultura e na educação. Rio de Janeiro: Multifoco, 2016. 426 p.

SANTOS, L.A.S. *O corpo, o comer e a comida: um estudo sobre as práticas corporais e alimentares no mundo contemporâneo*. Salvador: EdUFBA; 2008.

VILÁ, M.B. ¿ Orientación alimentaria o los diez mandamientos? La moral en los discursos de la nutrición y la salud. *In: PARRA, B.L.; MARTIN, F.P.S. (Org.). Antropología, física, salud y sociedad. Viejas tradiciones y nuevos retos*. 2007.

YATES-DOERR, E. The Opacity of Reduction: Nutritional Black-Boxing and the Meanings of Nourishment. *Food, Culture & Society*, v. 15, n. 2, p. 293-313, 2012.

## **APÊNDICES**

## **APÊNCIDE A: ROTEIRO DE ENTREVISTA**

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ALIMENTOS, NUTRIÇÃO E SAÚDE

NÚCLEO DE ESTUDOS E PESQUISAS EM ALIMENTAÇÃO E CULTURA – NEPAC

PROJETO: NARRATIVAS DE ESTUDANTES DE NUTRIÇÃO SOBRE  
PRÁTICAS ALIMENTARES.

**TEMPO ESTIMADO: 1h30min**

**Apresentação entre pesquisadora e informante**

**Apresentação do Estudo**

1. Apresentar o objetivo geral do estudo
2. Estabelecimento de acordos - tempo, uso do gravador e a utilização do material produzido.

**Bloco 1 – Conhecendo “o lugar de fala” (Tempo Total: 15min)**

Momento inicial de aproximação com a realidade do (a) informante. Aproveitar para questionar sobre dados gerais - nome, idade, estado civil, religião, bairro que mora, cidade de origem, cor (referida).

**Bloco 2 - Sobre as práticas alimentares (Tempo Total: 45min)**

1. Gostaria de saber um pouco sobre sua alimentação... Como você a descreveria?
  - Investigar sobre como, onde o que come; quem come, quem prepara, sobre os locais de consumo de alimentos e suas motivações para escolha;
  - Quais os sentimentos e pensamentos que cercam esses momentos;
  - Explorar questões sobre a busca por uma alimentação saudável. Se existem desafios, quais são e o que é feito para superá-los.

2. Como tem sido sua alimentação ao longo dos anos?

- Explorar as possíveis mudanças, desafios, as agencias sobre a alimentação para propor possíveis mudanças.

3. E após a entrada no curso de nutrição?

- Explorar questões sobre possíveis conflitos, rupturas e permanências nas práticas alimentares no contexto da formação;
- Investigar os possíveis compartilhamentos das experiências alimentares vivenciadas com os demais estudantes de nutrição.

**Comentários finais (Tempo Total: 10 min)**

Há algo de que não falamos? Você gostaria de comentar mais alguma coisa ?

**APÊNDICE B: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO****TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ALIMENTOS, NUTRIÇÃO E SAÚDE

NÚCLEO DE ESTUDOS E PESQUISAS EM ALIMENTAÇÃO E CULTURA – NEPAC

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Prezado (a) senhor (a),

Você está sendo convidado (a) a participar como voluntário do estudo intitulado *“Narrativas de estudantes de nutrição sobre práticas alimentares: um estudo em uma universidade pública na cidade de Salvador – Bahia.”*.

Esta pesquisa tem como objetivo compreender como estudantes de nutrição pensam, sentem e agem sobre suas práticas alimentares, no contexto da formação acadêmica. Justifica-se pela necessidade de avançar em estudos sobre as maneiras de comer e os fatores relacionados com as práticas alimentares na atualidade e a forma como os estudantes de nutrição vivenciam essas experiências.

Serão selecionados estudantes a partir de indicações, ou por meio de conversas informais através das quais os sujeitos expressem interesse em participar do estudo. O critério de seleção dos sujeitos deve contemplar estudantes que já estiverem cursando a partir do penúltimo semestre de graduação em Nutrição.

Se você decidir integrar este estudo, você participará de uma entrevista individual que durará aproximadamente 50 minutos, e as informações produzidas nesta etapa serão utilizadas como parte do objeto de pesquisa. Mesmo não havendo benefícios diretos à você, ao participar deste estudo, você contribuirá para ampliar a compreensão dos fenômenos que cercam o campo da alimentação e nutrição.

Na realização de entrevistas habitualmente não existe desconforto ou riscos físicos. Entretanto, você pode sentir que determinadas perguntas incomodam a você, porque as questões são sobre suas experiências pessoais. Assim no momento de realização da mesma, você terá o direito garantido de responder, apenas as perguntas que desejar ou ainda recusar ou retirar seu

consentimento, a qualquer momento, sem nenhum tipo de prejuízo ou retaliação pela sua decisão. Se você não quiser participar do estudo, isto não irá interferir na sua vida profissional/estudantil.

Todas as entrevistas serão gravadas em áudio. As gravações poderão ser ouvidas pela pesquisadora responsável e por uma entrevistadora experiente e serão marcadas com um número de identificação durante a gravação e seu nome não será utilizado. Se for de seu interesse, você poderá ter acesso ao texto transcrito e/ou áudio da entrevista.

As informações desta pesquisa serão confidenciais, e serão divulgadas apenas em eventos ou publicações científicas, não havendo identificação dos voluntários, sendo assegurado o sigilo sobre sua participação.

Durante todo o período do estudo você tem o direito de tirar qualquer dúvida ou pedir qualquer outro esclarecimento, bastando para isso entrar em contato, com o Comitê de Ética em Pesquisa da Escola de Nutrição da Universidade Federal da Bahia, localizada na Rua Araújo Pinho nº 32, Canela, telefone (71) 3283-7700 ou Indira Ramos Gomes (Pesquisadora responsável), através do email [indirarms@gmail.com](mailto:indirarms@gmail.com) ou telefone (071) 9 91455692 ou ainda com Ligia Amparo da Silva Santos (Professora orientadora), através do email [amparo@ufba.br](mailto:amparo@ufba.br).

Eu, \_\_\_\_\_, RG \_\_\_\_\_, após a leitura deste documento e ter tido a oportunidade de conversar com a pesquisadora responsável, para esclarecer todas as minhas dúvidas, acredito estar suficientemente informado (a), ficando claro para mim que minha participação é voluntária e que posso retirar este consentimento a qualquer momento sem qualquer ônus. Estou ciente também dos objetivos do estudo, de como se dará minha participação e da garantia de confidencialidade e esclarecimentos sempre que desejar. Diante do exposto explico minha concordância de espontânea vontade em participar deste estudo.

---

Voluntário

---

Pesquisadora responsável

**APÊNDICE C: PROJETO DE PESQUISA**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA**

**ESCOLA DE NUTRIÇÃO**

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ALIMENTOS, NUTRIÇÃO E SAÚDE**

**PROJETO DE DISSERTAÇÃO**

**NARRATIVAS DE ESTUDANTES DE NUTRIÇÃO SOBRE PRÁTICAS  
ALIMENTARES: UM ESTUDO EM UMA UNIVERSIDADE PÚBLICA  
NA CIDADE DE SALVADOR – BAHIA.**

Salvador

2016

**INDIRA RAMOS GOMES**

**NARRATIVAS DE ESTUDANTES DE NUTRIÇÃO SOBRE PRÁTICAS  
ALIMENTARES: UM ESTUDO EM UMA UNIVERSIDADE PÚBLICA  
NA CIDADE DE SALVADOR – BAHIA.**

Projeto de dissertação apresentado ao Programa de Pós-graduação em Alimentos, Nutrição e Saúde como pré-requisito para obtenção do grau de mestre.

Orientadora: Profa. Dra. Ligia Amparo da Silva Santos

Salvador

2016

**SUMÁRIO**

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	50
<b>CARACTERIZAÇÃO DO PROBLEMA</b> .....	53
<b>OBJETIVOS</b> .....	59
Objetivos.....	59
Geral.....	59
Específicos .....	59
<b>CONSIDERAÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS</b> .....	59
Universo Empírico.....	60
Produção e Análise de Dados.....	60
Aspectos Éticos .....	62
<b>CRONOGRAMA</b> .....	62
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	63
<b>APÊNDICE A - ROTEIRO DE ENTREVISTA</b> .....	43
<b>APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO</b> .....	45

## INTRODUÇÃO

O presente estudo se propõe a compreender como estudantes de nutrição pensam, sentem e agem sobre suas práticas alimentares no contexto da formação acadêmica. Como escolha teórica e metodológica, o trabalho está situado nas interfaces entre as Ciências da Saúde e da Nutrição e as Ciências Sociais e Humanas com o intuito de ampliar as compreensões sobre os fenômenos no campo da alimentação e nutrição.

Destaca-se, em relação às práticas alimentares, a diversidade do espaço alimentar, na perspectiva desenvolvida por Poulain e Proença (2008) – que preza pelo reconhecimento da complexidade da alimentação humana e a necessidade de considerar a variedade de alimentos e sua disponibilidade, opiniões dos sujeitos bem como suas atitudes, valores, crenças e os sistemas simbólicos elaborados – além das dimensões técnico-científicas sobre o valor nutricional dos alimentos que também agem nos modos de pensar, sentir e agir dos sujeitos em relação ao comer.

Serão considerados os aspectos sociais e culturais vinculados às experiências dos sujeitos na construção dessas práticas, a partir de suas próprias narrativas, tendo-as como ponto de partida. Ressalta-se ainda, questões pertinentes relacionadas ao processo formativo e aos discursos elaborados nos contextos acadêmico-científico e social, na tentativa de compreender em que medida a formação em nutrição tem provocado rupturas e/ou permanências nos modos de pensar, sentir e agir sobre as práticas alimentares desses estudantes.

Historicamente, a partir da consolidação da ciência moderna, a produção do conhecimento coadunou com a perspectiva positivista - que atende a um modelo explicativo dos fenômenos - a partir de processos de observação e experimentação (com regularidade) para a produção de verdades, com base no controle e comprovação de dados, centrado na lógica objetivista. O campo da Nutrição, como integrante das Ciências da Saúde, foi orientado por esta perspectiva. A Nutrição teve suas bases construídas em meados do século XIX – não por acaso, diante do avanço do capitalismo, se configurando como uma ciência compatível com este modelo econômico - garantindo a saúde do corpo, especialmente das classes trabalhadoras, por meio de seus “corpos-máquinas” que lhes permitiram ganhar a vida e, ao mesmo tempo, contribuir socialmente para reproduzir o sistema (GRACIA-ARNAIZ, 2005).

Somado a isto, já havia neste período, não só a prescrição de limites para o consumo excessivo de alimentos. Estas regras dietéticas, como discute Gracia Arnaiz (2005),

compunham uma moral religiosa – principalmente de influência protestante e com mulheres da “alta sociedade”. Estas recomendações acarretavam em implicações individuais, nas quais o corpo fazia parte de uma dimensão ética e, portanto, seus deslizes e distúrbios deveriam ser cuidados com disciplina e autocontrole, evitando-se assim, excessos. A dieta neste caso, entendida como um padrão de restrição, não só contribuía para uma “boa saúde”, mas para outras virtudes como temperança e estabilidade mental.

Foi a partir da noção de higiene que a Nutrição foi integrada ao campo biomédico e, durante o século XX, seu discurso passou a ser fortemente ligado à epidemiologia. Assim, a Nutrição assumiu seu sentido atrelado ao processo de racionalização científica do ato de comer na era moderna. A dieta passou a ser considerada como meio fundamental para prevenção de doenças, de modo análogo aos medicamentos, e na busca pelo equilíbrio entre o gasto energético e a ingestão alimentar. Nesta reflexão, o alimento e o nutriente, que passaram a ser estudados com foco nas ciências naturais, assumem a centralidade na abordagem da Ciência da Nutrição (PRADO, S.D. *et al.*, 2011).

Na perspectiva da formação, o modelo positivista norteou a elaboração do Relatório Flexner - que propôs uma nova ordem para o padrão de ensino médico. Neste Relatório, o estudo da medicina deveria ser centrado da doença, enquanto fenômeno individual e concreto sendo, portanto, um processo fisiológico e natural (PAGLIOSA; DA ROS, 2008; ALMEIDA FILHO, 2010). Ao assumir pressupostos como a visão mecanicista, biomédica, a superespecialização e o tecnicismo (ALMEIDA FILHO, 2010), as dimensões sócio históricas, coletivas e intersubjetivas - nesta concepção - não são consideradas fatores implicantes nos processos de saúde-doença.

Desde a organização curricular, com base no modelo Flexneriano - assim como na maioria dos cursos da área de saúde ( SANTOS *et, al.* 2005) - nas Ciências da Nutrição, oriunda desta racionalidade moderna, os modos de pensar, agir e produzir conhecimento acarretaram em fortes influências no seu *modus operandi* - que ainda se faz presente hegemonicamente - com o exemplo das pesquisas experimental, laboratorial, epidemiológica, com forte concentração nas ciências naturais e que recebem grande enfoque na formação de futuros nutricionistas (FREITAS; MINAYO, 2011).

Não se trata de negar os avanços e contribuições que estes estudos agregam ao campo científico. Pelo contrário. Ao reconhecer sua importância, reconhece-se também que há uma diversidade de racionalidades no contexto científico contemporâneo, inclusive as diversas vertentes que não somente a biomédica. Há também as referências sócio-antropológicas,

psíquicas, filosóficas, históricas, avistando novas possibilidades de saber e conhecer temas como subjetividades, corpo e práticas alimentares.

Ao refletir sobre as abordagens mais prevalentes e influentes no percurso formativo, cabe destacar o rumo que alguns estudos tomam ao se debruçarem sobre as práticas alimentares de estudantes de nutrição. A partir de uma breve revisão de literatura foi possível observar que parte das pesquisas apresentam uma perspectiva de análise no campo dos estudos quantitativos para verificar práticas, mudança de comportamento e de hábitos alimentares destes estudantes. Estes estudos pontuam adequações e inadequações diante do que é informado durante a graduação (OLIVEIRA *et al.*, 2015; ALVARENGA *et al.*, 2010; MATIAS e FIORE, 2010; MARCONDELLI *et al.*, 2008). Há ainda pesquisas que procuram caracterizar as práticas alimentares e fatores de risco associados à transtornos do comportamento alimentar (PENZ *et al.*, 2008; KIRSTEN *et al.*, 2009).

Parte destes trabalhos indicam em suas considerações que os resultados não se limitam somente aos aspectos como consumo alimentar, ressaltando que estudos qualitativos devem ser realizados na tentativa de elucidar questões como comportamento, práticas e atitudes alimentares de estudantes universitários.

Alguns estudos indicavam a necessidade de repensar a relação entre o que se aprende teoricamente e a mudança concreta de estilo de vida dos estudantes (ALVARENGA *et al.*, 2010; MATIAS e FIORE, 2010; OLIVEIRA, A.C. *et al.*, 2015). Por vezes, mesmo se tratando de estudantes de nutrição, a justificativa da força de vontade para melhorias na alimentação imperava na discussão sobre o que era considerado descompasso entre a teoria aprendida e a prática vivenciada pelos (as) futuros (as) nutricionistas (MATIAS e FIORE, 2010). Os estudos ainda indicam que há, em alguns casos, uma defasagem entre o que “o que se diz” e “o que se faz” em relação às práticas alimentares destes estudantes.

Entretanto, para além de fazer essas verificações, cabe adotar uma perspectiva compreensiva sobre esses sujeitos, buscando desvelar elementos de subjetividade, recriações e conflitos inerentes a dinâmica da vida (CASTRO *et al.*, 2015), que podem dar pistas de como estudantes de nutrição pensam, sentem e agem sobre suas práticas alimentares.

Se debruçar sobre estes processos, ainda pouco problematizados neste campo, configura-se como uma demanda que exige investimento na interface entre as Ciências da Saúde e Nutrição e as Ciências Sociais e Humanas, ampliando os olhares para aspectos relacionados ao campo da alimentação e nutrição.

## CARACTERIZAÇÃO DO PROBLEMA

Alguns aspectos importantes a serem considerados a seguir relacionam-se às práticas alimentares e à apresentação do contexto da comensalidade contemporânea, com ênfase na alimentação saudável. Este contexto se apresenta enquanto cenário no qual nutricionistas são formados e suas práticas alimentares (re) construídas. E, por fim, são tecidas algumas reflexões mais próximas em torno das práticas alimentares de estudantes de nutrição.

Azevedo (2015) considerou, em seu estudo, as práticas alimentares como opções alimentares do cotidiano e que muitas vezes apresentam “caráter dietoterápico, restritivo e reducionista – frequentemente desconectadas da dimensão socioambiental e cultural que transpassa o conceito contemporâneo de alimentação saudável” (p. 718). Para Garcia (1997), as práticas alimentares são fenômenos sociais imbuídos de valores simbólicos associados à alimentação, estando constantemente em reconstrução, sendo, portanto, dinâmica e adaptável às diversas situações cotidianas.

Discutir sobre as práticas alimentares no contexto contemporâneo é considerar as inúmeras informações existentes sobre alimentação e estilo de vida saudáveis e que vão desde o âmbito das políticas públicas às propagandas, passando pelos conselhos de profissionais de saúde veiculados pelos meios de comunicação; e que contribuem para o constante sentimento de conflito, vivenciado pelos sujeitos, diante de uma série possibilidades de consumo, assim como de regras dietéticas e a divulgação cada vez maior de alimentos industrializados. São produtos de alta densidade energética, os *light* e *diet*, e mais recentemente, os “naturais” e orgânicos compondo “a mesma” prateleira de opções, disposta para o sujeito realizar suas escolhas. Para Fischler (2011), o comensal contemporâneo, parece ter perdido sua capacidade de tomar as melhores decisões sobre o que comer, pois depara-se com este arsenal de informações cacofônicas sobre alimentação.

A construção do conceito de alimentação saudável é problematizada por Azevedo (2008), a partir do discurso científico e da teia de relações que se estabelecem nesse processo. A autora considera, por exemplo, a noção de risco e reflexividade, ao levar em conta que os próprios profissionais de saúde - inclusive em formação – também se deparam com esse *pool* de informações sobre a alimentação (saudável), por vezes muito contraditórias. Assim, cabe pensar que a cacofonia alimentar se apresenta também para aqueles que compõem o próprio campo de produção do conhecimento científico e das práticas de cuidado em saúde.

Deste modo, o que movimenta boa parte do *modus operandi* da nutrição nas formulações científicas hegemônicas é a lógica do nutricionismo: quando aspectos da nutrição são reduzidos a nutrientes e estes assumem um nível que prepondera outros relacionados à alimentação. Como os aspectos políticos, ambientais, sociais, culturais e econômicos (SCRINIS, 2012).

Frente a este panorama, é importante atentar para o fato de que as teorias das Ciências da Saúde na atualidade – sob a perspectiva tecnicista e biomédica - permeiam as práticas alimentares cotidianas dos sujeitos e acentuam a perspectiva científica do ato de comer (SANTOS, 2008). A utilização das normas dietéticas, diante do interesse pela saúde do corpo na lógica mecanicista – fundamentada no pensamento cartesiano - tende a substituir as motivações de outra ordem na seleção de alimentos, com forte tendência à medicalização da alimentação (GRACIA-ARNAIZ, 2007).

Assim, os sujeitos são chamados a realizar escolhas racionais diante das evidências científicas sobre alimentação e saúde para prevenção de doenças (CASTIEL, 2007). O peso corporal e o consumo alimentar se configuram enquanto problema social, do ponto de vista do discurso biomédico - constituído institucionalmente - que elabora propostas sobre os modos de viver dos sujeitos, ao assinalar o que comer, quanto comer e a importância da atividade física para redução das medidas corporais. Diante disso, profissionais de saúde, como médicos e nutricionistas, assumem um poder que anteriormente não era conhecido.

O fazer hegemônico da promoção da saúde, com ênfase nas práticas alimentares saudáveis, pode ser interpretado como uma política com forte conteúdo moral que fomenta a ideia de culpa e responsabilização individual na busca pela longevidade (LUPTON; CHAPMAN, 1995; CASTIEL; ÁLAVREZ-DARDET, 2007; FOURNIER, 2016). O desenvolvimento de habilidades nutricionais são exigidos para gerir a própria vida e manter a meta: ser saudável, neste caso aparelhado ao conceito de magreza ou não sobrepeso/obesidade. Elementos como normatização do corpo, peso e dieta consistem em novas preocupações para manutenção da ordem, e se tornam, portanto, obrigações sociais.

Do ponto de vista da normatização dos corpos e da alimentação, é importante destacar que o que se evidencia hoje é a vigilância individual do peso corporal (e uma vigilância coletiva) para alcançar um corpo magro, que se configura na contemporaneidade como sinônimo de saúde e sucesso na gestão da própria vida, e de distinção social (CASTIEL, 2007; GRACIA-ARNAIZ, 2015).

Ainda assim, alguns estudos indicam que, mesmo diante do modelo predominante de abordagem em relação à promoção da alimentação e estilo de vida saudáveis, no processo de construção das práticas alimentares, os sujeitos não respondem mecanicamente aos elementos ressaltados neste padrão (nutrientes, calorias, peso corporal, dentre outros). No cotidiano, os sujeitos se reinventam, em meio a conflitos com outros saberes e racionalidades. Ou ainda, mediante negociações e improvisações, desenvolvem seus modos de fazer ao considerarem as dimensões teórico-conceituais, simbólicas, afetivas, artísticas dentre outras (SANTOS, 2008; YATES-DOERR, 2012).

No trabalho desenvolvido por Pinto (2006), na cidade de Natal, a autora buscou trabalhar a relação entre práticas alimentares e afetividade. Parte do seu estudo dedicou-se às experiências de estudantes de nutrição, ao partir do pressuposto de que são estes sujeitos àqueles que dedicam-se a estudar a temática da alimentação em sua perspectiva técnico-científica. A autora objetivou identificar então, através de autobiografias, se estes encontravam dificuldades em “manter um padrão alimentar”, diante do que preconiza a ciência da nutrição.

Ao explorar aspectos em torno de autobiografias alimentares de estudantes, as narrativas se revelaram na qualidade de instrumento capaz de fazer ecoar não somente as palavras e pensamentos dos estudantes, mas também aquilo que é compartilhado entre os seres humanos. Como pensamos e nos sentimos com relação às nossas práticas alimentares? Os resultados produzidos neste estudo suscitam reflexões sobre o percurso formativo considerando estas questões. Diante do que é preconizado pela ciência, o estudante ressignifica suas compreensões ao fazer adaptações das orientações técnicas aprendidas às suas possibilidades, articulando-as aos seus aos saberes prévios.

Outros trabalhos tendem a colaborar para essas observações em torno da miríade de relações que permeiam a construção das práticas alimentares, como é o caso de um estudo realizado na cidade de Salvador. O objetivo foi analisar as relações estabelecidas com o comer e as mudanças e permanências das práticas alimentares - a partir de relatos biográficos dos sujeitos - enquanto processos inseridos na trajetória de vida e que apresentam múltiplos fatores envolvidos, entre motivações e estratégias. Foram problematizadas questões em torno de processos de reaprendizagem alimentar; das tensões entre a fome e desejo alimentar; da reconstrução do gosto e as novas sensibilidades alimentares, por exemplo (SANTOS, 2008).

Diferentes representações do comer foram identificadas expressando pelos sujeitos “a construção do seu próprio arcabouço teórico-operacional de referências alimentares com o

intuito de que as mesmas façam sentido para as suas vidas” (SANTOS, 2008, p.231). Estes aspectos sugerem a existência de múltiplas representações construídas social e historicamente que estão envolvidas com as relações que os sujeitos estabelecem consigo e com o mundo, no que tange às práticas alimentares face à inúmeros contextos.

Assim, ao cogitar as repercussões de diferentes contextos nas elaborações e invenções cotidianas em torno do comer, ao pensar em estudantes de saúde, e particularmente, em estudantes de nutrição, enquanto agentes promotores de saúde e mediadores dos processos educativos sobre alimentação saudável, ressalta-se que estes são também, sujeitos que elaboram seus modos de comer no mundo da vida e convém, portanto, considerar suas experiências relacionadas às práticas alimentares no contexto de formação profissional.

Outro trabalho que pode lançar luz nesta caminhada, trata do conceito de caixa preta discutido por Yates-Doerr (2012), tendo como referência Bruno Latour que o adaptou, a partir da cibernética, para estudar a ciência e problematizar algo que, mesmo com toda a complexidade e controvérsia inerentes aos processos da prática científica, se solidificou enquanto verdade absoluta.

A partir disto, o conceito de caixa preta nutricional, apresentado por Yates-Doerr (2012), significa a representação de conceitos e instrumentos das ciências da nutrição que ao longo do tempo se consolidaram enquanto verdades adotadas pelo meio científico e que, se estabelecidas enquanto premissas incontestáveis, limitam outras compreensões em torno do fenômeno da alimentação, que é por si, complexo.

Ao nos aproximarmos dos espaços em que as caixas pretas são elaboradas, é possível encontrar as controvérsias que dão pistas do seu processo de construção e da complexidade nele implícita, bem como, os meios pelos quais as ideias e conceitos ganham poder. Seguindo este pensamento, o objetivo do trabalho da autora foi explorar os processos de consolidação técnica e histórica das ideias contingentes sobre nutrição e as relações que se estabelecem em torno das práticas alimentares, a partir de termos aparentemente não problemáticos como as vitaminas e minerais, bem como os sentidos da nutrição construídos pelos sujeitos do estudo, em suas práticas cotidianas.

Outro conceito que auxilia na caracterização desta problemática é o de *décalage*. Termo francês que dentre alguns sinônimos, destacam-se: dissonância, discrepância e defasagem. Este conceito foi utilizado no contexto das práticas alimentares por Contreras & Gracia-Arnaiz (2005), traduzido enquanto descompasso entre as representações sociais e as práticas.

O *dècalage* foi adotado, por Castro e colaboradores (2015), enquanto ferramenta teórico-instrumental para auxiliar na compreensão da dissonância existente entre as representações alimentares de estudantes de nutrição e educação física, e o que realmente eles fazem. Para tanto, compreende-se que estes estudantes são exigidos e culpabilizados com muito mais intensidade, por saberem mais das “práticas corretas” tendo que agir, portanto, dentro do que é preconizado. Mas, o discurso nem sempre caminha no sentido dos fazeres. Trata-se de uma questão que por vezes passa distante ao olhar, principalmente quando “[...] o sujeito é considerado neutro ou idealizado no quadro metodológico convencional na biomedicina” (CASTRO, *et al.*, 2015, p. 103).

O *dècalage* foi analisado como uma resposta ao sistema social (que constrói as normas e os padrões), um recurso para reinvenções e adaptações cotidianas. Uma tática para driblar certos ditames oriundos da formação disciplinarizadora sobre as práticas corporais e o comer. Essas estratégias foram identificadas de maneira semelhante nos estudos citados anteriormente (SANTOS, 2005; PINHO, 2006; YATES-DOERR, 2012) e que apresentam forte relação com o que se pretende estudar.

Estudantes de nutrição desenvolvem ao longo da graduação compreensões sobre alimentos, particularmente os seus nutrientes, e suas interações no corpo humano, construindo familiaridade com o tema e elaborando um arcabouço teórico que o legitima a dizer como esses processos funcionam, com que frequência e quantidade consumir os alimentos, qual o seu valor nutritivo, como escolhê-los e higienizá-los para consumo e quais os mais apropriados para determinada patologia, por exemplo.

Todavia, além de serem aqueles legitimados a falar sobre esses aspectos, são sujeitos que comem e vivenciam cotidianamente as contradições inerentes a essa experiência. Ademais, necessitam compartilhar dos mesmos símbolos perante o grupo social ao qual buscam pertencer: o grupo de nutricionistas que “devem” consumir e aparentar viver saudavelmente – e isso tem se tornado regra para todos - além de precisar (demonstrar) saber sobre alimentação (saudável), como observado por Pinto (2006), ao analisar a narrativa de uma estudante de nutrição:

A chegada na universidade foi tomada como uma responsabilidade, um peso, mais do que uma oportunidade de aprendizagem. Uma crise de identidade levou Inês a um desgaste psicológico, pela cobrança que fazia a si mesma em relação a identidade profissional de nutricionista, que deveria assumir futuramente. (PINTO, 2006, p.185).

As regras, a responsabilidade individualizada sobre os processos alimentares e a gestão da saúde se chocam em situações cotidianas similarmente enfrentadas por estes

sujeitos, produzindo efeitos como a culpa que está inevitavelmente associada à noção de responsabilidade, e que se configura enquanto ideia normativa, prevalecente nos discursos de promoção da saúde nas sociedades modernas complexas (CASTIEL; ÁLAVREZ--DARDET, 2007).

A construção das práticas alimentares de estudantes de nutrição perpassa por estes aspectos uma vez que neles estarão implícitas a competência e capacidade individual para fazer as escolhas que são mais aceitas socialmente sendo, portanto, um recurso de reconhecimento de habilidades e competências profissionais, de gestão da própria vida e de status social.

Ainda assim, parte-se do pressuposto de que não é apenas o processo formativo (orientado pelo discurso científico hegemônico ou não) que age no processo de construção dessas práticas. Os sujeitos vivenciam outros espaços que constituem suas experiências. São itinerâncias ao longo da história de vida que trazem marcas constituintes das relações do sujeito com a comida, considerando o âmbito familiar, a camada social e econômica, questões raciais e de gênero, a título de exemplo.

Estes processos aparentam ser considerados estáveis e universais, de modo que seus significados, sua complexidade interna, aparecem desconectados das singularidades e contextualizações, e assim:

Cabe enfatizar que há, nesse ínterim entre o dito e o feito, muito mais do que um espaço desconhecido. Certamente, há uma série de questões que atravessam esse distanciamento. Há sentidos e significados que influenciam as práticas corporais e alimentares que ocasionam esse espaço entre o falar e o fazer, ora ampliando-o, ora a reduzi-lo. (CASTRO *et al.*, 2015, p. 102).

Neste caso, percebendo que existem questões ainda não explicitadas e que, portanto, há uma demanda para maior aprofundamento sobre estas, questiona-se ainda: como a formação em nutrição interage com os modos de pensar, sentir e agir desses estudantes, em relação as suas práticas alimentares?

Pensar sobre a complexidade dos fenômenos relacionados à alimentação é considerar que neles estão imbricadas as relações dos sujeitos com o outro, o que se come, seus corpos, ambientes e a construção de identidades.

## **OBJETIVOS**

Geral

Compreender como estudantes de nutrição pensam, sentem e agem sobre suas práticas alimentares no contexto da formação acadêmica.

Específico

- Descrever as práticas alimentares dos estudantes de nutrição de uma universidade pública;
- Interpretar os sentidos e significados atribuídos às experiências alimentares, vivenciadas ao longo do percurso formativo dos estudantes em estudo;
- Identificar mudanças e/ou permanências nas práticas alimentares durante percurso formativo.

## **CONSIDERAÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS**

Trata-se de um estudo qualitativo, situado na interface entre as Ciências da Saúde e Nutrição e as Ciências Sociais e Humanas, dialogando com referenciais teóricos no campo da sócio-antropologia da alimentação e da saúde. Tal escolha parte da necessidade de ampliar as compreensões sobre os fenômenos do campo da alimentação e nutrição e a sua relação com a saúde.

Este projeto será desenvolvido através do Núcleo de Estudos e Pesquisa em Alimentação e Cultura da Escola de Nutrição da UFBA (NEPAC –ENUFBA) que possui vínculo com a linha de Pesquisa Alimentação, Nutrição e Cultura do Programa de Pós-Graduação em Alimentos, Nutrição e Saúde.

Universo Empírico

O universo empírico deste estudo será composto por estudantes de graduação em nutrição de uma universidade pública localizada na cidade de Salvador – Universidade Federal da Bahia – pela facilidade de acesso e contato com os graduandos.

O critério de inclusão dos sujeitos para o estudo deve contemplar estudantes que já estiverem cursando a partir do penúltimo semestre da graduação em Nutrição na Universidade na qual será realizado o estudo. Para o caso de estudantes dessemestralizados, considerar-se-á

para este estudo, a equivalência das disciplinas referentes ao 9º e 10º semestres. Sendo assim, podem haver estudantes que estejam a cursar o 12º semestre na formação, com equivalência ao último período da graduação. Compreende-se que nesta trajetória de formação, com os estudantes já próximos à finalização do curso, há um acúmulo de possibilidades de experiências e (re) elaborações sobre suas práticas alimentares.

### Produção e Análise de Dados

As entrevistas narrativas serão utilizadas como elemento central para a produção e análise de dados. Esta técnica se faz pertinente diante da possibilidade de reconstrução do próprio percurso biográfico por estes estudantes. Para tanto, compreende-se as práticas alimentares enquanto fenômeno cotidiano, dinâmico e constante, que se constitui ao longo da trajetória de vida - na qual a graduação também se insere. Acredita-se que a partir das narrativas, será possível conduzir o interlocutor ao caminho da reflexão sobre si, sua cultura, valores e as marcas que o constituem enquanto sujeito. Convém destacar que “[...] o objetivo da pesquisa pretende explorar em profundidade o mundo da vida do indivíduo; quando o tópico se refere às experiências individuais detalhadas, escolhas e biografias pessoais” (GASKELL, 2003, p. 78). A entrevista narrativa permite o acesso à experiência dos sujeitos. Ao incitar o outro a organizar suas ideias, a buscar relações, suscita a reflexão sobre a própria vida, podendo ainda dar-lhe outro sentido (DUARTE, 2004).

Os roteiros de entrevista (APÊNDICE A) - ou tópicos guia - foram elaborados de forma a nortear a condução da entrevista ao apresentar em sua construção os temas centrais referentes ao problema da pesquisa. São construídos para possibilitar, ao máximo, a flexibilidade nos questionamentos realizados, com a intenção de promover a fala dos sujeitos sobre suas experiências. Neste sentido, acredita-se ser possível compreender como estes estudantes de nutrição experimentam suas práticas alimentares, assim como apreender as diferentes formas de conhecimento que as orientam, tendo como pano de fundo o processo formativo em nutrição.

Para melhor aprimoramento do roteiro de entrevista, considerando sua flexibilidade e constante reconfiguração ao longo da pesquisa, serão realizadas duas entrevistas piloto. Para tanto, serão selecionados estudantes a partir de indicações, ou por meio de conversas informais através das quais os sujeitos expressem interesse em participar do estudo. Por realizar o mestrado na mesma instituição abordada neste estudo, a pesquisadora encontra, pela

proximidade com o contexto, a possibilidade de iniciar o contato pessoal com estudantes. Estes primeiros informantes, deverão ser o ponto de partida para o contato com os demais, por meio de sugestões de contato, caracterizando a técnica bola de neve.

Estima-se cerca de 10 (dez) entrevistas para a construção do *corpus* empírico a fim de possibilitar um mergulho em profundidade nos enredos construídos pelos sujeitos, através de suas narrativas, para produção de um material empírico denso o suficiente para ser utilizado como fonte investigativa.

Para proceder com a análise dos dados, serão realizadas transcrições de entrevistas. A análise consistirá na busca por sentidos e compreensões a partir de interpretações das narrativas. Inicialmente, serão realizadas leituras flutuantes do material transcrito para identificação de categorias analíticas, posteriormente sistematizadas em matriz de análise a partir de eixos temáticos e interlocuções teóricas sob a luz das Ciências da Saúde e Nutrição e das Ciências Sociais e Humanas.

Ainda neste processo, busca-se a coerência entre os resultados produzidos e os objetivos da investigação e identifica-se a necessidade de complementariedade dos dados, se necessário, retornando à campo. Para a interrupção de produção de dados em campo será adotado o critério de exaustão. Ou seja, quando houver repetição das categorias analíticas em relação às informações obtidas em entrevistas, associado ao número de entrevistas com o qual seja possível atender aos objetivos definidos para a pesquisa.

### Aspectos Éticos

O presente trabalho será submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa da Escola de Nutrição da UFBA (CEPNUT -UFBA), para atender às recomendações da 466/12 do Conselho Nacional de Saúde, que dispõe sobre pesquisas realizadas com seres humanos.

Aqueles que aceitarem participar do estudo de modo voluntário assinarão o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE (APÊNDICE B), contendo as informações necessárias quanto à confidencialidade das informações, riscos e benefícios envolvidos, assegurando que não ocorram danos morais aos participantes e que as informações serão mantidas em seu contexto. Serão adotados nomes fictícios, permanecendo as identidades dos informantes em sigilo.



## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA FILHO, N. Reconhecer Flexner: inquérito sobre produção de mitos na educação médica no Brasil contemporâneo. *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 26, n. 12, p. 2234-2249, Dec. 2010.
- ALVARENGA, M. S.; SCAGLIUSI, F. B.; PHILIPPI, S. T. Comparison of eating attitudes among university students from the five Brazilian regions. *Ciência & Saúde Coletiva*, v.17, n.2, p.435-444, 2012.
- AZEVEDO, E. Liberem a dieta. *Demetra*, v.10, n. 3, p. 717-727, 2015.
- CANESQUI, A. M; GARCIA, R. W. D. *Antropologia e nutrição: um diálogo possível*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2005.
- CASTIEL, L.D. Crentes, Descrentes, Famintos, e a Promoção da Saúde Alimentar. In: CASTIEL, L. D. ÁLVAREZ, C. D. D. *A saúde persecutória: os limites da possibilidade*. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2007.
- CASTIEL, L.D.; ÁLVAREZ-DARDET, C. La salud persecutoria. *Rev Saúde Pública*, v. 41, n. 3, p. 461-6, 2007.
- CASTRO, J. B. P. de.; CARVALHO, M. C. da V. S.; FERREIRA, F. R. and PRADO, S. D. Faça o que eu digo, mas não faça o que eu faço!": a décalage como ferramenta para compreensão de práticas corporais e alimentares. *Rev. Nutr.*, Campinas , v. 28, n. 1, p. 99-108, 2015 .
- DUARTE, R. Entrevistas em pesquisas qualitativas. *Educar*, n. 24, p. 213-225, Editora UFPR, Curitiba, 2004.
- FREITAS, M. C. S.; MINAYO, M. C.S.; FONTES, G.A.V. Sobre o campo da Alimentação e Nutrição na perspectiva das teorias compreensivas. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 16, n. 1, p. 31-38 ,2011.
- GARCIA, R. W. D. Representações sociais da alimentação e saúde e suas repercussões no comportamento alimentar. *Physis*, Rio de Janeiro, v. 7, n. 2, p. 51-68, Dec. 1997.
- GASKELL, George. Entrevistas individuais e grupais. In: BAUER, Martin W; GASKELL, George (Eds.). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som*. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2003. p. 64-89.
- GRACIA-ARNAIZ, M. Maneras de comer hoy: Comprender la modernidad alimentaria desde y más allá de las normas. *Revista Internacional de Sociología*, n. 40, p. 159-182, 2005.
- GRACIA-ARNAIZ, M. Comer bien, comer mal: la medicalización del comportamiento alimentario. *Salud Pública de México*, v.49, n.3, maio-junho, 2007.
- CONTRERAS, J. H; ARNAIZ, MG. Aproximaciones Teóricas. In: CONTRERAS, J. H; ARNAIZ, MG. *Alimentacion y Cultura*. Perspectivas antropológicas.Barcelona:Editorial Ariel, 2005.
- FISCHLER, C. Cultura e gastro-anomia: psicopatologia da alimentação cotidiana: depoiment. [jul./dez. 2011]. Porto Alegre. *Horizontes Antropológicos*. Entrevista concedida a Mirian Goldenberg.
- FOURNIER, T. Face à l'injonction diététique, un « relativisme nutritionnel » en France. *Sociologies*, Premiers textes, 2014.
- KIRSTEN, V. R.; FRATTON, F.; PORTA, N. B. D. Transtornos alimentares em alunas de nutrição do Rio Grande do Sul. *Rev. Nutr.*, Campinas, v. 22, n. 2, p. 219-227, Abr. 2009 .

- MARCONDELLI, P.; COSTA, T. H. M.; SCHMITZ, B. A. S. Nível de atividade física e hábitos alimentares de universitários do 3º ao 5º semestres da área da saúde. *Rev. Nutr.*, Campinas, v. 21, n.1, p.39-47, 2008.
- MATIAS, C. T.; FIORE, E. G. Changes in the eating behavior of nutrition students in a private university. *Nutrire: rev. Soc. Bras. Alim. Nutr.* São Paulo, SP, v. 35, n. 2, p. 53-66, 2010.
- OLIVEIRA, A.C.; MORAES, J.M.M.; NUNES, P.P.; GOMES, E.V.; VIANA, K.D.A.L.; ARRUDA, S.P.M. Hábitos alimentares de acadêmicas do primeiro e do último ano de cursos de graduação em Nutrição no estado do Maranhão. *Nutrire.* v. 40, n.3, p.328-336, 2015.
- PAGLIOSA, F. L.; DA ROS, M. A. O Relatório Flexner: para o Bem e para o Mal. *Revista Brasileira de Educação Médica*, v. 32, n. 4, p. 492 – 499, 2008.
- PENZ, L.R.; BOSCO, S.M.; VIEIRA, J.M. Risco para desenvolvimento de transtornos alimentares em estudantes de Nutrição. *Scientia Medica* , Porto Alegre, v. 18, n. 3, p. 124-128, jul./set. 2008
- PINTO, V. L. X. *As coisas estão no (meu) mundo, só que eu preciso aprender. Autobiografia, reflexividade e formação em Educação Nutricional.* 2006. 299 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2006.
- PRADO, S.D. *et al.* Alimentação e nutrição como campo científico autônomo no Brasil: conceitos, domínios e projetos políticos. *Rev. Nutr.*, Campinas, v.24, n.6, p. 927-937, nov./dez., 2011.
- SANTOS, L.A.S. *et al.* Projeto pedagógico do programa de graduação em Nutrição da Escola de Nutrição da Universidade Federal da Bahia: uma proposta em construção. *Rev. Nutr.*, Campinas, v.18, n.1, p.105-117, jan./fev., 2005.
- SANTOS, L.A.S. *O corpo, o comer e a comida: um estudo sobre as práticas corporais e alimentares no mundo contemporâneo.* Salvador: EdUFBA; 2008.
- SCRINIS, G. Nutricionism and functional foods. In: KAPLAN, D. *The Philosophy of Food*, Berkley: University of California Press, 2012.
- SILVA, J. K. *et al.* Alimentação e cultura como campo científico no Brasil. *Physis*, Rio de Janeiro , v. 20, n. 2, p. 413-442, 2010 .
- YATES-DOERR, E. The Opacity of Reduction: Nutritional Black-Boxing and the Meanings of Nourishment. *Food, Culture & Society*, v. 15, n. 2, p. 293-313, 2012.